



Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Especial - Domínio Cognitivo e Motor

**VIOLÊNCIA ENTRE COLEGAS
(BULLYING) EM CONTEXTO ESCOLAR**

Elaborado Por

HELENA AUGUSTA DA CUNHA OLIVEIRA

Orientado Por

PROFESSORA DOUTORA CRISTINA SARAIVA

LISBOA, JULHO 2012

Resumo

A problemática da violência entre pares, conhecida como bullying, desenvolve-se em contexto escolar, corrompendo as relações interpessoais. O bullying é um “monstro” que diminui a autoestima, torna as crianças inseguras, solitárias, propensas a depressões e, em casos extremos, pode levar ao suicídio.

É objetivo deste estudo saber se existem vítimas e agressores de bullying nas escolas do 1º ciclo do Agrupamento de Escolas do Monte da Ola.

No que concerne à metodologia, optamos por uma abordagem quantitativa, através da realização de inquéritos anónimos, com perguntas fechadas. Neste inquérito participaram 130 alunos do 3º e 4º ano de escolaridade. Constatamos que 34% dos alunos são vítimas e 23% são agressores, constatamos também que os rapazes são mais vítimas e mais agressores. Assim, pretende-se com este trabalho alertar e sensibilizar alunos, professores e pais para a violência que cada vez mais prolifera na escola e que tanto influencia negativamente a autoestima dos alunos. É por isso imprescindível que a escola e toda a comunidade escolar implementem estratégias preventivas do fenómeno bullying, de modo a tornar a escola num verdadeiro local de inclusão.

Palavras-chave: violência; bullying; vítimas, agressores; escola; alunos.

Résumé

La problématique de la violence entre enfants, connue sous le nom de bullying a lieu dans nos écoles et celle-ci corrompt les relations entre eux. Le bullying est un monstre qui diminue la confiance de nos enfants, les isole, les rend anxieux, augmente la probabilité de dépression et, plus grave encore, peut engendrer le suicide.

L'objectif de ce travail est de savoir si les professeurs reconnaissent le bullying comme une conduite agressive entre les élèves qui se produit à l'intérieur des écoles et savoir si les professeurs reconnaissent les conséquences de ce phénomène sur la victime.

En ce qui concerne la méthodologie adoptée, nous avons choisis un abordage quantitatif, à travers de la réalisation de questionnaires anonymes formés par des questions fermées. À notre enquête, ont participé 130 élèves, appartenant à l'école élémentaire. Nous avons constaté que 34% des élèves sont des victimes et 47% sont des agresseurs.

Ainsi, ce travail a pour but de prévenir et sensibiliser élèves, professeurs et parents en ce qui concerne la violence qui ne cesse d'augmenter dans les écoles ce qui contribue fortement à la baisse accentuée de l'auto-estime des élèves. Il est donc impératif que les écoles et toute la communauté scolaire implantent des stratégies pour prévenir le bullying ce qui fera de nos écoles un véritable lieu d'inclusion.

Mots-clefs : violence; bullying; victimes; agresseurs; école; étudiants.

Pensamento

(...) nenhum horizonte é alcançável. Ele sempre se distancia na medida em que nos aproximamos dele. Assim também é a utopia. A diferença é que a utopia não é um horizonte qualquer, mas sim um horizonte desejável por si mesmo e que também dá sentido às nossas lutas ou à nossa existência. Por isso é que temos tanta dificuldade em aceitar a não facticidade das nossas utopias. (...) preferimos o autoengano e continuamos a pensar que é possível chegarmos a esta sociedade tão desejada.

(AMARAL & PASSOS, 2001)

Dedicatória

Ao meu filho.
Ao meu marido.

Agradecimentos

À professora Doutora Cristina Saraiva, pela competente orientação dispensada a este estudo.

Ao agrupamento de Escolas do Monte da Ola, professores, encarregados de educação e alunos que tornaram possível esta investigação.

Aos meus pais, que ao longo da vida me deram apoio e sempre acreditaram no meu valor.

Por fim, a todos os outros, que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização deste projeto.

Índice

Resumo.....	II
Résumé.....	III
Pensamento	IV
Dedicatória	V
Agradecimentos	VI
Índice.....	7
Índice de Gráficos	10
Índice de Tabelas	11
Índice de Anexos.....	12
Introdução	13
Capítulo I – Enquadramento Teórico.....	14
1. A violência	15
1.1. Conceito de violência	15
1.2. Teorias sobre a violência.....	15
1.3. Comportamentos violentos.....	17
1.3.1 A influência da família nos comportamentos	17

1.3.2. A influência da sociedade nos comportamentos	19
2. Bullying.....	21
2.1. Conceito de bullying	21
2.2. Formas de bullying	23
2.3. Diferenças de género	25
3. Bullying - vítimas, agressores e observadores	27
3.1. Os agressores	27
3.2. As vítimas.....	29
3.3. Os observadores	32
4. Sinais e consequências do bullying.....	34
4.1. Sinais de bullying	34
4.2. Consequências do bullying.....	35
5. A escola.....	38
5.1. Bullying na escola	38
5.2. Atitudes do professor face ao bullying.....	41
5.3. O que fazer em caso de bullying	44
Capítulo II – Enquadramento Empírico	46

1. Percurso Metodológico.....	47
1.1. Definição do Problema	47
1.2. Objetivos do Estudo	47
1.3. Definição de Hipóteses e Variáveis.....	47
1.4. Metodologia de investigação	48
2. Justificação do Estudo	49
3. Pertinência do Estudo	50
4. Limitações do Estudo	51
Capítulo III – Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados	52
1. Procedimentos Estatísticos	53
2. Caracterização da amostra	54
3. Apresentação dos Resultados.....	55
4. Análise e Discussão dos Resultados	65
Conclusão	70
Linhas Futuras de Investigação.....	72
Referências Bibliográficas	73
ANEXOS	80

Índice de Gráficos

Gráfico nº 1 – Ano de Escolaridade	55
Gráfico nº 2 – Género.....	55
Gráfico nº 3 – Q1.....	56
Gráfico nº 4 – Q2.....	57
Gráfico nº 5 – Q3.....	58
Gráfico nº 6 – Q4.....	58
Gráfico nº 7 – Q5.....	59
Gráfico nº 8 – Q6.....	59
Gráfico nº 9 – Q7.....	60
Gráfico nº 10 – Q1.....	61
Gráfico nº 11 – Q2.....	62
Gráfico nº 12 – Q1.....	63
Gráfico nº 13 – Q2.....	63
Gráfico nº 14 – Q1.....	64
Gráfico nº 15 – Q2.....	64

Índice de Tabelas

Tabela nº1- Q1	56
Tabela nº 2- Q2	57
Tabela nº 3- Q1	61

Índice de Anexos

Questionário distribuído aos alunos	80
---	----

Introdução

O bullying é um fenómeno já muito divulgado nos media, mas nem por isso a sua existência diminuiu. Diariamente ouvem-se notícias, de acontecimentos de violência entre alunos, que os afetam gravemente em diferentes dimensões. Muitas vezes encontramos na escola alunos que se recusam a aprender e a aceitar as regras estipuladas, provocando distúrbios e alterando o seu normal funcionamento. Geralmente estes alunos são oriundos de famílias complicadas e transportam consigo, para a escola, a sua experiência de vida violenta, servindo esta como justificação para os atos violentos que muitas vezes cometem.

Este tipo de comportamento torna-se muito mais preocupante quando nos deparamos com estas situações em faixas etárias baixas. A escola deveria ser um local apreciado pelas crianças, pois é um espaço de formação, onde elas se desenvolvem a nível académico, social e emocional. Contudo nem sempre é isso que acontece, pois para muitas crianças torna-se um local de sofrimento e angústia. Pereira (2000)

Dentro do espaço escolar, o local onde se verificam situações de bullying com maior frequência é nos recreios, isto porque são pobres nos materiais para atividades lúdicas, físicas e educacionais, provocando momentos de ócio em que os alunos ocupam o tempo aborrecendo os colegas. Higgins (1994)

Por todo o mundo verifica-se que a violência na escola aumentou e que, em alguns países revelam contornos alarmantes, como nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha, Espanha e Brasil. Apesar de em Portugal a violência não ser tão grave como nestes países, verificou-se um aumento da violência escolar nos últimos anos, levando a que cada vez mais, toda a comunidade educativa se preocupe e procure soluções.

A política Educativa definiu medidas para combater a violência escolar através do programa Escola Segura, criado em 1996, numa parceria entre os Ministérios da Educação e da Administração Interna. O Observatório para a segurança em Meio Escolar foi criado em 2005 e tem como objetivo a análise e descrição da violência.

Assim sendo, é responsabilidade da família, escola e restante comunidade, realizar tudo o que estiver ao seu alcance para prevenir atos de violência entre crianças e proporcionar-lhes um crescimento pleno e feliz.

Capítulo I – Enquadramento Teórico

1. A violência

1.1. Conceito de violência

A violência é um fenómeno que abrange comportamentos de vandalismo, criminalidade, posições antissociais, entre outros. Assim sendo, a violência não é mais do que o emprego desejado de agressividade, com anseio de destruição. Costa (1998)

Para Anderson, (2000) a agressão é um comportamento levado a cabo por uma pessoa, o agressor, com intenção de magoar outra, a vítima. Este autor referencia ainda que a agressão pode ser afetiva, quando há uma reação emocional baseada em fúria e ocorre como resposta a uma provocação. Neste caso a agressão é vista como um fim em si e tem como objetivo magoar o outro. Ao contrário desta, a agressão instrumental ocorre de forma deliberada, sem que exista uma provocação. Neste caso a agressão não é um fim em si, existe apenas para atingir um fim, como por exemplo um assalto.

Para que exista violência é preciso que a intervenção seja voluntária. Podemos dizer que há violência quando há uma intervenção física de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos contra alguém. A violência física tem por finalidade destruir, coagir e ofender. Beane (2000)

Contrariamente a este autor, Costa (2001) considera que a violência não é apenas física, envolve vandalismo, delinquência distúrbios de comportamentos ou bullying. O bullying é classificado por Matos (2001), como atos de violência, agressão, intimidação ou maus tratos entre alunos.

O bullying, violência entre alunos, é um fenómeno que abarca toda uma variedade de comportamentos, de maus-tratos, podendo essas ações ser de carácter físico, social ou psicológico. Pellegrini et al(1999); Mynard & Joseph,(2000).

1.2. Teorias sobre a violência

A violência das crianças está intimamente ligada à violência praticada para com elas. Trata-se de um facto perante o qual não podemos ficar indiferentes. Muitos

especialistas têm estudado o assunto, com a finalidade de procurarem explicações e soluções para a agressividade. Gulbenkian Foundation (1995).

Matos (2001) indica as teorias que estudam a agressividade, dividindo-as em duas grandes categorias:

- As teorias que baseiam a agressividade nos impulsos internos consideram que as crianças nascem com tendências violentas. Para os defensores desta teoria não existem soluções para o problema - teorias ativas.

- As teorias que baseiam a agressividade na influência do meio consideram que as crianças aprendem por imitação. Para os defensores desta existe solução para o problema - teorias reativas.

Nas teorias ativas, Matos (2001), baseado em Freud e Lorenz, apresenta ainda a teoria bioquímica, a teoria psicanalítica defendida por Freud e a teoria etológica defendida por Lorenz.

A teoria psicanalítica apresenta a agressividade como uma componente inata que leva o indivíduo a comportar-se com um certo grau de violência, não só contra os seus semelhantes, como também contra si mesmo. A teoria bioquímica defende que o comportamento agressivo se produz através de processos bioquímicos que acontecem no interior do organismo, onde as hormonas desempenham um papel decisivo no desencadeamento da conduta agressiva do sujeito. A teoria etológica, através do estudo do comportamento animal, generalizou as suas conclusões ao comportamento humano. Nesta teoria entende-se que a agressividade no homem é inata e pode acontecer de uma forma natural sem qualquer provocação, já que a energia instintiva se acumula e se descarrega regularmente.

Relativamente às teorias reativas, Matos apresenta a teoria da frustração-agressão defendida por Berkowitz e a teoria da aprendizagem social defendida por Almeida (2003). A teoria da frustração-agressão defende que a agressão é consequência da frustração. Segundo esta teoria as frustrações causadas pelo meio avivam o lado emocional, que por sua vez produz o comportamento agressivo. A teoria da aprendizagem social defende que os comportamentos agressivos se realizam por imitação. A excessiva exposição a cenas de violência a que as crianças têm acesso, está relacionada com a quantidade de problemas de violência que ocorrem atualmente. A imitação e a observação são processos que intervêm na aquisição de respostas novas ou na modificação das já existentes na criança.

1.3. Comportamentos violentos

1.3.1 A influência da família nos comportamentos

O carinho, o amor e a empatia pessoal, a amizade, a presença e acompanhamento parental, bem como também a violência, a falta de afeto e a falta de amor, nascem e crescem no ambiente do convívio diário e está sujeita aos processos de ligação específicos da cultura humana, constituindo encadeamentos próprios para o desenvolvimento da criança e da sua educação. Rodrigues (1994)

As causas de um comportamento violento não podem ser identificadas, no entanto os estudos apontam a influência de alguns fatores que aumentam o risco dessa mesma violência. Gulbenkian Foundation (1995)

Um fator fundamental é a família, pois é aqui que a criança estabelece as primeiras relações sociais, é com a família que se realizam as primeiras aprendizagens e os primeiros contactos com o meio que a rodeia. Os modelos de pais são muito importantes, uma vez que a formação de carácter e da personalidade da criança, tem por base as referências e os valores que são transmitidos por estes. É a família que presenteia a maior aventura da vida das crianças, o perceber, o entender, o construir e reconstruir, o criar e recriar, permitindo à criança crescer de forma equilibrada ou não. Ramalho (1997)

A educação de uma criança deve ter por base a compreensão e o amor, desta forma a criança sentir-se – á confiante em qualquer ambiente, reproduzindo apenas atitudes tolerantes. O mesmo autor referencia ainda que uma educação realizada com paciência e coerência desenvolve crianças autoconfiantes e com autoestima elevada. Uma educação violenta ou demasiado permissiva pode levar a criança a atos de violência, por outro lado, uma educação demasiado protetora pode facilitar a que a criança se torne vítima de maus tratos.

Olweus (2004) identifica quatro fatores no meio familiar, que potenciam comportamentos agressivos:

- Negativismo (rejeição, indiferença, frieza e hostilidade);
- Temperamento explosivo e demasiado ativo da criança;
- Permissividade aos atos agressivos, liberdade excessiva e falta de limites;
- Agressividade e utilização de métodos punitivos excessivos.

Uma educação demasiado autoritária ou permissiva, com falta de amor e empenhamento por parte dos pais, durante idades precoces, o negativismo e o desinteresse ou uma atitude altamente tolerante em relação aos episódios de agressividade, pouco firme e sem limites claros para os comportamentos agressivos constituem fatores que propiciam a agressividade. Costa (2001)

Uma educação baseada em métodos rígidos, na punição física ou na ameaça atitudes cruéis, passiva ou de negligência, na imposição de regras sem explicações, na falta de supervisão, é motivadora e propicia a violência na criança. A rutura familiar é também um fator que possibilita desenvolver atitudes e ações agressivas nas crianças. Um ambiente familiar onde as discussões são permanentes é também prejudicial para elas. As atitudes entre pais e filhos influenciam determinados comportamentos, pois a exposição a certas atitudes em casa, nomeadamente a punição física, pode criar na criança comportamentos com carácter agressivo, uma vez que no seu meio familiar é através da agressão que se resolvem determinados conflitos e que se impõe a autoridade. Costa (2001)

Assim, e como referencia Sani (2002) as crianças podem associar o poder físico à satisfação de algumas necessidades, levando-as a exigir submissão aos colegas. Matos (2001) e Derbardieux (2002) consideram que a agressão e o conflito parental são um fardo muito pesado para as crianças, porque envolvem situações muito negativas para quem tem menos recursos para resistir e escapar.

O exemplo violento seja ele físico ou verbal e a ausência de diálogo pode levar a criança à violência. Os agressores, muitas vezes são-no em consequência da sua vida familiar na infância, conforme refere Randall (1996) citado por Jennifer (2003).

A conclusões semelhantes chegou André (2003) ao considerar que muitos agressores foram eles próprios vítimas de abuso. Estes autores referenciam que os estudos realizados concluem que os pais que manifestam atitudes de agressividade e encorajam os seus filhos à agressividade são agressivos e têm filhos agressivos. Enquanto os pais que não encorajam os filhos à agressividade, não são agressivos, nem têm filhos agressivos.

A família é uma referência fundamental uma vez que é um modelo de conduta por parte da criança. As atitudes dos pais influenciam os comportamentos negativos ou positivos da criança. Os comportamentos agressivos têm na sua origem a forma como as crianças são educadas, “os pais são os primeiros referentes da criança e servem de modelo em termos de comportamento a adotar”.(Blaya 2006: p. 82). Para a autora, a falta de supervisão parental, a ausência de regras claras, famílias demasiado autoritárias ou

sem diálogo têm maiores probabilidades de originar crianças com comportamentos desviantes. Existem outros fatores que, segundo a autora, aumentam o risco das crianças se tornarem violentas, como as situações de pais toxicodependentes, alcoólicos, mães depressivas e com envolvimento em situações ilegais.

Assim, e segundo estes autores podemos dizer que existem fatores que influenciam o desenvolvimento de comportamentos agressivos na criança. Uma família desestruturada, cujas referências para a criança é a ausência de progenitor, falta de atenção, agressão verbal ou física, indiferença, negligência e motivação parental para a violência, potencia as crianças a ter com os seus pares um comportamento violento, uma vez que no seu crescimento nunca se recorreu à negociação e ao diálogo, apenas ao modelo de violência. Por outro lado uma educação demasiado permissiva também pode simbolizar dificuldades acrescidas, bem como desequilíbrios nas crianças tornando-as demasiado dependentes, agressivos e/ou revoltados na sua conduta diária.

1.3.2. A influência da sociedade nos comportamentos

Para alguns autores, nomeadamente Almeida (2003) podemos aprender com as outras pessoas, apenas pela observação e reprodução dos comportamentos. Nesta linha de pensamento estão também Miller & Dollard (1967), que sustentam igualmente a importância da imitação para explicar os fenómenos da aprendizagem social. Segundo estes autores, a observação de modelos leva, por parte dos observadores, à reprodução do comportamento realizado por esses modelos. Várias experiências foram realizadas, destacando-se entre estas, a observação por parte de crianças de comportamentos violentos. Constatou-se que estas crianças manifestavam atitudes semelhantes às que tinham observado.

Segundo a teoria de comportamento social de Bandura (1987), a agressividade é socialmente aprendida. A criança quando exposta a modelos agressivos reproduz essa mesma agressividade.

Os problemas económicos, desemprego, tensão política, acesso fácil às drogas e álcool, são fatores sociais que influenciam os comportamentos agressivos. Uma sociedade demasiado individualista que banaliza os valores morais (justiça, respeito, honestidade) em detrimento dos valores individuais (dinheiro, beleza, prestígio social) incita à competição deixando a tolerância para segundo plano. Martínez (2006)

Os meios de comunicação social, são outro fator de risco que propiciam a violência, isto é, a exposição repetida à violência dos meios de comunicação social aumentam o comportamento agressivo. As crianças que não têm supervisão na escolha dos programas televisivos ou da internet, revelam comportamentos mais violentos e menor empatia pelas vítimas. Ramírez (2001)

O aparecimento das novas tecnologias de comunicação fez surgir uma nova forma de violência entre jovens, à qual se dá o nome de cyberbullying. Atualmente, o telemóvel e a internet, são utilizados com frequência, entre os jovens, para agredir terceiros. Este tipo de violência é muito difícil de combater, pois não se sabe quem o pratica. De acordo com Smith (2006), o cyberbullying pode ser definido como um ato agressivo e intencional levado a cabo por um grupo ou por um indivíduo utilizando formas eletrónicas de contacto, de forma reiterada e ao longo do tempo, exercido sobre uma vítima que não se pode defender facilmente.

A violência, seja ela direta ou indireta, presencial ou através da internet ou telemóvel, exige que os pais e toda a sociedade se envolvam na educação e orientação das crianças e jovens que são mais propensos à violência. Muitos pais entendem que os seus filhos são e serão sempre agressivos na escola ou na família, esse tipo de justificação em nada ajuda as crianças, que não procuram novas formas para lidar com os problemas.

2. Bullying

2.1. Conceito de bullying

Na década de 70 Olweus apresenta o termo bullying, na sequência de estudos longitudinais realizados na Noruega, para interpretar e explicar condutas agressivas entre alunos na escola, em que o agressor magoa de forma propositada a vítima, abusando da sua situação de superioridade. Ramírez (2001).

Entre os diferentes tipos de violência existentes, destacamos uma que tem despertado interesse dos educadores, professores, psicólogos e pais. Estamos a falar da violência no meio escolar, sendo esta designada como bullying. Muito embora não seja um fenómeno novo, nos últimos anos a violência nas escolas tornou-se num tópico de investigação mediática, na sequência de atos de violência realizados por crianças e adolescentes. Almeida (2003).

O bullying, segundo Fante (2005) e Olweus (2004), seria um termo utilizado na literatura técnica da psicologia anglo-saxónica. Esta palavra deriva do termo inglês, bully, que significa valente ou tirano e que em termos verbais significa tiranizar, amedrontar.

Na língua portuguesa, não existe uma tradução correta da palavra bullying, no entanto podemos encontrar alguma semelhança com os termos vitimização, abuso, agressividade, intimidação mau trato e violência. Ferreira e Pereira (2001). Algumas traduções sobre bullying, apontam ainda para os termos “implicar com as pessoas” (Costa, 1998: p.13), “agressão em contexto escolar” (Pereira, 2000: p.122), “coação” e “provocação” (Matos & Carvalhosa, 2001:p.3)

O bullying é um tipo de violência realizada de forma repetida e dirigida a crianças mais frágeis, isto é, para existir bullying existe um desequilíbrio de poder entre a vítima e o agressor. O bullying é sempre realizado a alunos mais frágeis e com pouca ou nenhuma capacidade de se defenderem, o que os leva a uma condição de obediência, sofrimento psicológico e afastamento dos seus pares. Todos os atos realizados por intermédio do bullying são verdadeiras ações de intimidação. Estas intimidações são premeditadas, e geralmente são feitas através de ameaças, com violência física ou psicológica. Constantitini (2004)

Atitudes agressivas, sistemáticas e intencionais, que são realizadas por um aluno ou grupo de alunos e que acontecem muitas vezes sem qualquer provocação, causando

muito sofrimento, danos morais, físicos e psicológicos, são bullying. Este tipo de violência é realizado através de insultos, intimidações, acusações impróprias, dando alcunhas, ridicularizando e perseguindo os outros. Estes alunos sentem-se excluídos e por isso têm poucos amigos. Fante (2000)

O bullying tem sempre o objetivo de ferir alguém, por isso é uma atividade hostil, consciente e desejada. Pretende induzir o medo através de ameaças de futuras agressões, criando assim um pavor constante na vítima. O bullying abrangerá sempre três elementos: intenção de ferir, desequilíbrio de poder e ameaça de futura agressão. Seja uma atitude premeditada ou aleatória, óbvia ou sutil, praticada de forma visível ou às escondidas, mascarada numa relação de aparente amizade ou não, o bullying provoca terror nas vítimas, medo da escola e medo das relações entre pares. Coloroso (2004)

Por outras palavras, bullying é um comportamento agressivo que tem como objetivo causar mal repetidamente. Este comportamento acontece ao longo do tempo e numa relação de desigual poder e força e é exercido por um aluno ou por um grupo de alunos. Pereira (2000)

Hayden e Blaya (2002) acrescentam ainda que o bullying representa a vontade consciente de maltratar alguém, colocando-o sobre tensão. O Bullying é um comportamento cruel que se estabelece em muitas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de brincadeiras que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar. Fante (2005)

Apesar do bullying ser um problema complexo e de haver diferenças entre os comportamentos abrangidos, pode-se definir como um abuso sistemático de poder e compreendê-lo de um modo globalizante. Estudar as características psicológicas do agressor e as diversas formas que a agressão pode assumir é um estudo pertinente, pois desta forma poderemos compreender melhor o bullying e estar mais preparados para o combater. Matos (2001)

No entanto, não podemos considerar bullying uma situação de luta entre duas crianças de forças iguais. Desta forma, não são consideradas práticas de bullying as brincadeiras com envolvimento físico entre alunos que não se temem, bem como atividades de grande expansividade, mas sem a intencionalidade de causar danos, pois após a brincadeira as crianças ficam amigas na mesma. Pereira (2000)

Em termos conclusivos poderíamos referir Olweus (2004), este indica três características do bullying:

- 1) O comportamento agressivo tem de ser intencional;
- 2) O comportamento tem de ser repetitivo;

3) Esse comportamento é realizado numa relação com desigualdade de poder.

Assim sendo, para identificarmos um comportamento como o bullying é necessário a presença de três fatores. Em primeiro lugar, o mal causado a outrem não resulta de uma provocação. Segundo, as intimidações e a vitimação não são ocasionais. Finalmente, os agressores são mais fortes fisicamente, têm um perfil violento e intimidador, dificultando às vítimas a *possibilidade* de se defenderem ou pedirem auxílio. Pereira (2000)

2.2. Formas de bullying

Para alguns autores, nomeadamente Beane (2000), existem diferentes formas de violência escolar. Este autor considera que existem diferentes tipos de bullying.

1) A forma de bullying mais visível é violência física. Aqui verificam-se agressões em que se estabelece contacto físico direto entre a vítima e o agressor. Este tipo de violência é mais frequente nos rapazes que nas raparigas;

2) A Violência psicológica consiste em perseguir, atemorizar ou ameaçar, este tipo de violência é muito difícil de detetar;

3) A violência verbal é muito usada pelas raparigas e consiste em atacar a vítima nas suas diferenças, sejam elas físicas, intelectuais, raciais ou sexuais. Este tipo de bullying tenta atacar a vítima emocionalmente;

4) A violência gestual, como o próprio nome diz, consiste na realização de ameaças através de gestos. Estes comportamentos são difíceis de detetar e por isso as vítimas têm muita dificuldade em provar que foram agredidas;

5) A extorsão consiste em retirar algo material, como o lanche, dinheiro, mochilas, etc;

6) A violência social ou exclusão é mais usado pelas raparigas. Este tipo de comportamento pode destruir a vida social de uma aluna levando-a ao isolamento. Este tipo de bullying não é muito visível e por isso difícil de detetar.

Outros autores como Olweus (2004) consideram que o bullying se pode manifestar de três formas diferentes, sendo estas: a agressão física, que consiste em bater fisicamente; agressão psicológica que consiste em espalhar rumores ou ser excluído do seu grupo de amigos; e a agressão verbal, que consiste em chamar nomes e insultar.

Olweus (2004), considera que só existe bullying quando existe uma desproporção de forças entre os alunos envolvidos. A violência pode ser de qualquer tipo: física, verbal ou psicológica. A vítima tem de ser mais fraca e por isso tem dificuldade em se defender, acabando sempre por se humilhar perante o agressor. Para o autor, o bullying é todo o tipo de violência executada por alguém mais forte contra alguém mais fraco e considera que não é bullying quando a luta se realiza entre dois alunos com a mesma força.

Uma forma de bullying grave e duradoura é o bullying indireto. Este é mais difícil de detetar pois não é visível, provocando imensos danos às suas vítimas. Esta autora refere ainda que muitos alunos são vítimas de bullying racial, quando pertencem a uma religião diferente da maioria da turma ou quando pertencem a uma minoria étnica. O bullying direto é também muito grave e também provoca danos às vítimas, no entanto é mais fácil de detetar. Pereira (2000)

Martins (2005) também categoriza o bullying de duas formas: o bullying direto e bullying indireto:

-O bullying indireto é realizado através da exclusão constante de alguém do grupo de pares. Esta exclusão pode ser feita pela ameaça da perda de amizade como forma de obter algo, também pode ser espalhar boatos ou destruir a reputação de alguém. Assim podemos dizer que o bullying indireto quando praticado pode destruir a vida social da vítima.

-O bullying direto pode ser físico ou verbal. Se for físico inclui, dar pontapés, bater, forçar comportamentos sexuais, estragar objetos, roubar ou obrigar os colegas a realizar tarefas servis contra a sua vontade. Se for verbal inclui dar alcunhas desagradáveis, fazer comentários racistas, salientar características ou deficiências de forma negativa.

Segundo Silva (2010) os rapazes praticam mais o bullying direto como forma de demonstrar a sua força física, enquanto as raparigas praticam mais o bullying indireto. Para o autor os rapazes necessitam de demonstrar a sua capacidade física como forma de se impor na sociedade, há uma aceitação maior por parte da família e é muitas vezes considerado normal.

Desta maneira, a revisão de literatura leva-nos a concluir que o bullying manifesta-se de diferentes formas, todas elas com a propósito de provocar mal-estar físico ou psicológico. Tem como base o abuso constante do poder, é maldosa, deliberada e persistente podendo durar semanas, meses ou anos. É uma forma de comportamento ofensivo e é realizada na escola entre pares sendo difícil às vítimas defenderem-se.

2.3. Diferenças de gênero

Alguns autores centraram a suas pesquisas, no âmbito dos comportamentos de bullying, nas diferenças entre os gêneros. Esses estudos concluíram que, os comportamentos agressivos diretos geralmente ocorrem entre rapazes, enquanto o bullying entre raparigas envolve mais comportamentos agressivos relacionais ou indiretos. Goffman (1998)

Olweus (1993) defende ainda que os rapazes tendem a ter redes sociais mais amplas, enquanto as raparigas mantêm redes sociais mais pequenas, mais íntimas e mais intensas. Em decorrência desta diferenciação social, o bullying indireto, realizado através da exclusão social e dos rumores, tornar-se-ia menos eficaz para os rapazes mas mais eficaz para as raparigas.

Brizendine (2007), mostram através dos seus estudos que o tipo de violência varia conforme o gênero:

1) Os meninos apresentam níveis mais altos de agressão, competitividade, dominação e brincadeiras estouvadas do que as meninas, com uma tendência de predomínio da agressão física.

2) Porém existem diferenças de gênero no ato agressivo, com os meninos demonstrando ser, inicialmente, mais controlados, mas mais violentos em suas ações, enquanto as meninas fazem uso mais frequente do significado emocional da agressividade, como ataques verbais, gritos e choro, acabando por excluir ou ser excluídas, utilizando assim a agressão indireta, enquanto os meninos utilizam a agressão direta.

Autores há que consideram que a diferença do tipo de violência praticada entre rapazes e raparigas, se deve a uma sensibilidade cerebral diferente face a situações de tensão e de conflito, recorrendo inclusive a áreas e circuitos cerebrais diferentes para resolver os mesmos problemas para produzir a fala e para vivenciar as mesmas emoções. Brizendine (2007)

Existe também uma explicação neurobiológica, que explica as diferenças entre os comportamentos diferenciados, de bullying, entre raparigas e rapazes. Legato (2009). Para este autor, a testosterona promove comportamentos de dois tipos nos homens: dominação e agressão, sendo que as técnicas para alcançar a dominação incluem a intimidação do adversário através do confronto físico. Quando as raparigas e os rapazes atingem a adolescência há um aumento dos seus níveis hormonais, respetivamente de

estrogénio e de testosterona que pela sua influência condicionam as raparigas a concentrarem-se intensamente nas suas emoções, relações sociais e comunicação e os rapazes a tornarem-se menos comunicativos e mais competitivos. O mesmo autor refere ainda que os comportamentos de bullying entre raparigas e rapazes são diferentes, os rapazes com propensão à agressividade física e as raparigas com propensão à manipulação emocional.

Fonseca (1995), em estudos feitos demonstra os rapazes como mais violentos que as raparigas, apresentando mais comportamentos de âmbito antissocial, apontando para uma relação de cariz mais agressivo. Os rapazes são por isso, mais vítimas e mais agressores simultaneamente.

Constata-se assim, que os rapazes recorrem essencialmente à agressão de cariz direto, enquanto as raparigas pelo contrário, utilizam mais a agressão do tipo indireto.

3. Bullying - vítimas, agressores e observadores

3.1. Os agressores

O agressor é alguém que geralmente revela muitas dificuldades em controlar os seus impulsos, apresenta défices nas competências sociais e crenças pouco razoáveis. O bullie (agressor) implica frequentemente com os outros, bate-lhes, ameaça-os ou arreia-os sem qualquer razão aparente. Smith (2006)

Segundo Olweus (1993) o agressor é aquele que vitimiza os mais frágeis, costuma manifestar pouca empatia e pouca compreensão pelos problemas dos colegas. Geralmente tem necessidade de subjugar e dominar os colegas, manifesta necessidade de conseguir o que se propõe a custo de ameaças, geralmente tem baixa resistência à frustração e é impulsivo.

A personalidade do bullie é por natureza agressiva e impulsiva, geralmente fruto de uma educação hostil ou demasiado permissiva, cuja afetividade não existe. Randall (1996)

Pereira (2000) indica que a curto e a longo prazo os bullies podem-se tornar jovens delinquentes revelando consequências negativas na dimensão psicológica, pessoal, social e académica. Os agressores têm mais probabilidades de desenvolver comportamentos delinquentes e desviantes na vida adulta. A confirmar esta ideia está Olweus (1993), quando indica que muitos dos agressores na idade infantil, têm no início da idade adulta problemas com a justiça e que quase metade dessas situações, resultam em sentenças de prisão. Perante esta situação, consideramos que os agressores terão um futuro mais problemático, porque terão mais dificuldade em cumprir as regras estabelecidas em sociedade, tendo mais probabilidades de enfrentar justiça. Os agressores poderão ser eles mais tarde pais agressivos, pois irão reproduzir a sua experiência de vida para os seus filhos.

Alguns autores, consideram que os agressores não são crianças populares e por isso atacam as outras crianças pela necessidade de se afirmar e de ganhar reputação. Pereira (2000) considera que os agressores são crianças que praticam determinados atos devido às circunstâncias em que vivem e por isso também as considera como

vítimas. Normalmente os agressores vêm de famílias desestruturadas, onde há conflitos, falta de afetividade e de diálogo.

Muitas vezes os agressores apresentam valores como solidariedade e cooperação pouco evidentes. Em termos acadêmicos, são alunos que não têm muito sucesso, sendo este mais um fator de propensão à violência. Muitas vezes, estas crianças usam a força como modo de se imporem ou então para reproduzirem situações que vivenciaram em casa. Geralmente apresentam baixa autoestima, acrescido do fator de serem mal-amados, daí a necessidade de agir violentamente. O'Moore (1995)

No entanto, existem outros autores que consideram que os agressores sentem-se superiores, têm prazer em dominar, são crianças populares e têm uma opinião positiva sobre si mesmo. Estas crianças causam dano aos outros e demonstram pouca empatia pelas vítimas. Abrantes (1998)

O autor de bullying é tipicamente popular, por isso tem uma opinião positiva sobre si. A agressividade manifestada por estas crianças contra outras também é muitas vezes manifestada contra os adultos. O agressor é muitas vezes uma criança com comportamento impulsivo e vê a sua agressividade como qualidade, tendendo a envolver-se numa variedade de comportamentos antissociais. Geralmente é mais forte que seu alvo, por isso consegue facilmente dominar, controlar e causar danos. Além disso, entende que o seu modo de atuação lhe trás benefícios sociais e materiais. Estas crianças são menos satisfeitas com a família e com a escola e conseqüentemente mais favoráveis ao absentismo. Podemos ainda dizer que têm uma maior tendência para apresentarem comportamentos de risco como consumir tabaco, álcool ou outras drogas, portar armas, etc. Neto (2000)

Seguindo o pensamento de alguns autores, podemos definir os agressores da seguinte forma:

- São alunos que agridem aos seus pares, manifestam atitudes positivas para com a violência, não manifestam medo, demonstram ser crianças confiantes e com uma autoestima elevada. Manifestam grande necessidade de dominar e humilhar os outros e possuem maior robustez física relativamente às vítimas. Olweus (1993)

- Apresentam muitas vezes, rendimento escolar baixo tendo como consequência a repetência de ano e idade superior à do restante grupo, por isso revelam uma atitude e envolvimento escolar negativos. Mesmo que a sua conduta não seja aceita são respeitados pelo medo que exercem aos restantes alunos. Os agressores gostam de desafiar e mostrar superioridade perante as vítimas. Têm maior probabilidade de se envolverem em comportamentos de risco para a saúde, tais como fumar, beber álcool em

excesso, usar drogas e de se envolverem na delinquência na adolescência e na idade adulta. Ramírez (2001)

- Geralmente os rapazes são mais violentos do que as raparigas uma vez que por razões culturais na educação dos rapazes existe uma certa tendência para valorizar os comportamentos de domínio físico. De uma forma geral não são crianças isoladas socialmente, são mais populares do que as vítimas e por isso têm mais amigos do que as vítimas. Os agressores muitas vezes têm famílias desestruturadas e conflituosas, sendo a agressão é uma prática que é naturalmente aceite e até praticada pela família, revelando os progenitores uma tendência de hostilidade para com os seus filhos em detrimento do afeto. Pereira (2002)

Como conclusão podemos dizer que os agressores revelam pouca empatia pelas vítimas, sentem prazer em cometer atos violentos e apresentam uma robustez física superior às vítimas. Geralmente pertencem a famílias desestruturadas com historial de violência e fraco relacionamento afetivo.

3.2. *As vítimas*

A vítima é alguém que se sente indefeso e sofre agressões físicas, psicológicas ou morais de forma repetida e infligidas por outros. A vítima é alguém que viveu situações de medo, que lhe bateram, arrelhiaram, implicaram com ela ou fizeram coisas desagradáveis sem motivo aparente. Costa (1998)

A insegurança é uma constante na relação com os seus pares. As vítimas geralmente apresentam fracas competências assertivas. De uma forma geral, as agressões infligidas à vítima podem ir desde a humilhação, às ameaças, à ridicularização, à exclusão, aos insultos, aos rumores falsos, e às agressões físicas. Calhau (2009)

O fenómeno da violência afeta quem a pratica, mas mais a quem é vítima dela e os efeitos nefastos desta situação transbordam para a sociedade, deteriorando as condições de vida dos que se encontram intimamente ligados ao bullying. Os efeitos do bullying são muitos e há consequências que perduram por muito tempo como é o caso da baixa autoestima, debilidade física, depressão, ansiedade, impopularidade e a incapacidade de fazer amizades. A curto e a longo prazo, os problemas vão-se refletir

nas vítimas, pois estas apresentarão debilidade em termos psicológicos, físicos e sociais. Hayden (2001)

Neto e Saavedra (2003) referem que algumas crianças, vítimas de bullying não sentem confiança para conviver e brincar livremente com os seus colegas, pois o medo da rejeição está sempre presente. Os alunos que são vítimas de bullying, não gostam de fazer as tarefas da escola em grupo, com medo de nunca serem escolhidas, este clima de insegurança propicia o isolamento destes alunos.

Goffman (1988) mostra-nos como a sociedade estabelece meios pelos quais categorizamos pessoas de acordo com os atributos que ela reconhece como válidos para que sejamos identificados como normais. Se tivermos alguma característica diferente daquilo que é considerado normal, podemos ter imputado sobre nós um estigma. O mesmo autor refere ainda que a sociedade, através de ambientes sociais, estabelece os meios para caracterizar como normais as pessoas que aparentemente preenchem determinados requisitos. Quando uma pessoa não preenche o comportamento ligado à normalidade dominante, mas apresenta algum atributo que o torna diferente, recebe um tratamento estereotipado, isto é, recebe um estigma. As crianças vítimas de bullying, geralmente sofrem de algum estigma, para além de viverem em estado de constante de pavor, sofrem com a rejeição, isolamento e humilhação.

Segundo Ramirez (2001), a vítima de bullying geralmente é escolhida por características físicas ou psicológicas que a tornam diferente dos outros: obesidade, uso de óculos, sardas, baixa estatura, deficiência física, dificuldade de aprendizagem ou um sotaque de outra região e outros aspetos culturais, étnicos ou religiosos. O facto de sofrer bullying não é culpa da vítima, pois ninguém pode ser responsabilizado por ser diferente. Neste sentido, a diferença seria apenas um pretexto para que o agressor satisfaça uma necessidade que é dele mesmo: a de agredir. Deste modo, as características físicas ou psicológicas, justificam o estigma atribuído. Aí o preconceito é estabelecido, promovendo e naturalizando as palavras e ações violentas.

Olweus (2004) indica nos seus estudos que as vítimas são sobretudo alunos mais ansiosos, inseguros, cautelosos, sensíveis e calmos. O mais natural é, que se sintam fracassados, envergonhados e pouco atrativos. Geralmente são alunos com baixa autoestima, com uma visão negativa de si mesmo. Por isso o normal é que tenham apenas um ou nenhum amigo na turma. Este tipo de crianças é contra todo tipo de violência e o uso de estratégias violentas como resolução de situações de conflito. Costa (1998)

Segundo Olweus (2004) existem dois tipos de vítimas, a vítima passiva ou submissa e a vítima provocadora. Relativamente à primeira o autor identifica-a como submissa e com debilidade física. Este tipo de crianças nunca responde a um ataque nem insulto, fugindo a chorar. Geralmente são crianças muito protegidas pelos pais dificultando assim a sua capacidade de se imporem perante o grupo. A vítima provocadora geralmente responde à violência sofrida, mas sai sempre perdedora. Este tipo de criança é insegura, infeliz, depressiva e apresenta problemas de concentração e tem uma opinião negativa acerca de si mesmo.

Para Fante (2005) existem diferentes tipos de vítimas:

-Vítima agressora é aquela que maltrata os colegas. Estes são sempre mais frágeis fisicamente e psicologicamente.

-Vítima provocadora é aquela que, como o próprio nome indica, provoca os outros criando situações de violência, não conseguindo muitas das vezes lidar com consequências dos seus atos tornando-se uma vítima fácil. Este tipo de vítima costuma ser uma criança inquieta, de costumes irritantes e quase sempre responsável por causar stress no ambiente em que se encontra.

-A Vítima típica é pouco sociável, sofre repetidas agressões por um indivíduo ou grupo e geralmente não consegue parar essas agressões.

-A vítima espectadora é aquela que presencia o bullying não o pratica mas também não denuncia o agressor, sofrendo em silêncio.

Para Costa (1998) existem as vítimas passivas não assertivas e as vítimas provocadoras ativas. As vítimas passivas não assertivas são crianças que evitam a todo o custo situações em que possa ser necessário usar a força. Têm baixa autoconfiança, são impopulares e geralmente têm poucos amigos. As vítimas provocadoras ativas assertivas pertencem a um grupo particularmente vulnerável e psicologicamente problemático. São alunos que procuram as situações de conflito tornando-se vítimas das situações que provocam, enquanto as outras vítimas evitam os conflitos, estas vítimas provocam os conflitos. São mais fortes fisicamente, mais autoconfiantes e queixam-se aos professores de que estão a ser agredidos.

As vítimas de bullying são crianças com características ou comportamentos comuns facilmente identificáveis. Geralmente têm uma personalidade tímida, usam a sinceridade em tudo que fazem, são bem comportados e bem vistos pelos adultos. Na escola tendem a ser bons alunos ou podem ser maus alunos por consequência das constantes investidas dos agressores. Alguns são vítimas pelas diferentes características físicas que apresentam, como ser: magro, obeso, gago, cor diferente, usar aparelho nos

dentos ou ter problemas de saúde como asma, bronquite, problemas de pele ou ser portador de síndrome ou doença rara. Outras razões existem que podem indicar as possíveis vítimas, como: praticar um credo religioso diferente da maioria dos colegas ou por frequentar desportos elitistas como: ténis, golfe, remo, vela ou kart. Os comportamentos de superproteção pelos familiares podem impedir a criança de desenvolver e criar mecanismos de defesa social, levando-a a ter medo e por consequência poucos amigos. Beane (2006)

Assim, podemos dizer que as vítimas são alunos inseguros passivos, com poucas competências sociais, revelam pouca habilidade para reagir e para se adaptarem no grupo. Apresentam baixa autoestima, fraco rendimento escolar e um aspeto físico diferente dos padrões impostos pelos seus pares. Olweus (1993)

Muitas crianças devido à sua baixa autoestima consideram que são merecedoras dos maus-tratos sofridos e rejeitam a escola e o convívio social para evitarem novas agressões, em situações extremas alguns acabam mesmo por se suicidar. Hayden (2002)

3.3. *Os observadores*

Os observadores são aqueles que podem ou não envolver-se diretamente no processo de agressão. Geralmente calam-se com o medo de ser a próxima vítima. Muitas vezes não sabem como agir e quando gostariam de o fazer, não o fazem porque não acreditam nas políticas de atuação da escola, por outras palavras podemos dizer que os observadores, assim como as vítimas, não se sentem seguros na escola. Este clima de silêncio pode ser interpretado pelos agressores como aceitação da agressão, afirmando desta forma o seu poder e fomentando a continuação das condutas agressivas. A maioria dos observadores simpatiza com as vítimas, tendendo a não as culpar pelo ocorrido, condena o comportamento dos agressores e deseja que os professores intervenham de forma mais eficaz. Menesini & Modiano (2003)

Segundo Martínez (2006) existem diferentes tipos de observadores:

- O observador indiferente - aquele que não se envolve;
- O observador culpabilizado – aquele que sente medo do agressor, tem medo de ser a próxima vítima e sente-se culpado por não atuar;
- O observador amoral – aquele que justifica os comportamentos agressivos como normais e lógicos, justifica a ação na lei do mais forte.

Outros autores, como Salmivalli (1996), classificam os observadores da seguinte forma: os apoiantes do agressor, os apoiantes da vítima e os neutros.

Fekkes (2005) classifica a posição dos observadores da seguinte forma:

- Os auxiliares- são aqueles que participam na agressão;
- Os incentivadores – são aqueles que não participam de forma direta mas incitam e estimulam o agressor;
- Os observadores- são aqueles que só observam ou afastam-se. Estes muitas vezes protegem a vítima chamando alguém para interromper a agressão.

4. Sinais e consequências do bullying

4.1. Sinais de bullying

Quando uma criança começa a ser vítima de bullying, demonstra sinais, características ou sintomas que até então não eram consideradas normais no seu comportamento. Esses alunos começam a optar pelo estudo individual, chegam a casa sem dinheiro ou sem objetos pessoais (material escolar ou telemóvel) e muitas vezes mostram evidências de ter sido agredidas (hematomas ou roupa rasgada), perante estas situações alguns alunos recusam-se ir para a escola. Assim, os pais ou professores devem estar atentos aos sinais que demonstram que os alunos estão a ser vítimas de bullying. Esses sinais são: stress, angústia, ansiedade, baixa autoestima, fobias, tristeza, depressão, dores de cabeça, noites mal dormidas, dores de barriga, mal-estar e dificuldades respiratórias sem motivo aparente. Beane (2000)

Este autor defende a necessidade de se criar um perfil da criança vítima de bullying. Com este perfil mais facilmente os pais e professores poderão detetar os problemas e combatê-lo.

Neto (1979) apresenta alguns dos sinais mais frequentes encontrados nos alunos vítimas do bullying:

- 1) Comportamentos de tristeza, stress, angústia, melancolia;
- 2) Absentismo escolar ou resistência em ir à escola;
- 3) Caminhos alternativos na ida para a escola e vinda;
- 4) Diminuição do rendimento escolar, notas baixas e dificuldades de aprendizagem;
- 5) Menor socialização, aumento do isolamento;
- 6) Pedido infundado de dinheiro aos pais;
- 7) Corpo magoado com hematomas, arranhões e cortes não justificados;
- 8) Desaparecimento de objetos pessoais ou aparecimento deles danificados;
- 9) Mal-estar geral, fadiga, dores de cabeça, de estômago.

O mesmo autor refere ainda que as vítimas de bullying podem também apresentar um ou vários dos seguintes sintomas: Enurese noturna, alterações de sono, cefaleia, dor epigástrica, desmaios, vômitos, dores em extremidades, paralisias, hiperventilação, queixas visuais, síndrome do Intestino irritável, anorexia, bulimia,

irritabilidade, agressividade, ansiedade, perda de memória, histeria, depressão, pânico, relatos de medo, insegurança por estar na escola, atos deliberados de autoagressão e tentativas de suicídio.

Pereira (2000) considera ainda que existem sinais ou características que potenciam a “escolha” das vítimas e que nos podem ajudar a detetar: possuir necessidades educativas especiais, ter poucos amigos, ser novo na turma, estar sempre a estudar e tirar notas melhores que o restante grupo ou ter pais que acompanham o aluno e vão frequentemente à escola mostrando o seu interesse e cuidado pela aprendizagem do filho. Estes são muitas vezes fatores que o tornam diferente da restante turma, levando o aluno a ser vítima de bullying. No entanto o tipo de pais referido nunca deve deixar de acompanhar os seus filhos, pois assim eles sentir-se-ão mais seguros e menos desamparados.

Se uma criança apresentar algum sinal de violência, os pais ou professores devem encaminhá-la para os serviços de acompanhamento, de forma a superar o problema e proporcionar à criança um crescimento saudável.

4.2. Consequências do bullying

Os estudos realizados, na Noruega, apontam que muitas crianças e adolescentes vítimas de bullying desenvolvem medo, depressão, pânico, distúrbios psicossomáticos e que, muitas vezes evitam retornar à escola quando esta nada faz em sua defesa. A fobia escolar geralmente tem como causa algum tipo de violência sofrida no próprio meio escolar. Olweus (1993)

Segundo Leymann & Gustafsson, (1996), as vítimas de Bullying tendem a sentir-se aterrorizadas, desvalorizadas, isolando-se dos outros com medo de represálias. Entre os danos manifestados salientam-se os efeitos nas relações familiares e interpessoais. Fante (2005)

As vítimas de bullying são mais propensas às depressões, distúrbios de sono, fadiga crónica e perda de forças. Beane (2000) defende ainda que em situações extremas o bullying pode levar ao suicídio. Por sua vez, Janus-Bulman (1992) salienta os impactos na autoestima, na saúde física (disfunções músculo-esqueléticas), nas funções cognitivas e na saúde emocional (raiva, desespero e estado de choque).

Quando pensamos na vítima de bullying, pensamos de imediato nas consequências. Hayden (2002) manifesta que este tipo de violência afeta as vítimas em

diferentes dimensões, na dimensão social, psicológica, acadêmica e social. Este autor refere ainda que as crianças vítimas de bullying isolam-se e revelam incapacidade em regular a própria vida.

Um fator que afeta a autoestima das crianças é o bullying. Este tipo de violência sujeita as suas vítimas torna-as seres angustiados, com pouca autoestima, com sentimentos de infelicidade e tristeza e levam a criança ao isolamento social devido à pouca aceitação dos seus pares dificultando-lhes a sua integração social. Estas crianças não constroem amizades e as suas competências sociais são menos desenvolvidas, sobretudo no que toca a assertividade. Randall (1996); Amado & Freire (2002); Pereira (2001); Fernandez (1998). Estes autores indicam ainda que as doenças psicossomáticas ligadas ao stress são uma consequência da ansiedade e da angústia provocados pelo bullying.

A escola é um lugar privilegiado para a socialização das crianças e construção da sua identidade, por isso as relações que as crianças estabelecem na escola são muito importantes. Ao entrar na escola as relações sociais da criança aumentam, por sua vez, estas relações contribuem para a mudança ou aumento do seu autoconceito e do seu autoconceito académico que se desenvolve à medida que os outros se expressam em relação a ela. Os mesmos autores entendem que autoconceito académico não é mais do que aquilo que o aluno pensa sobre o seu desempenho escolar. Cubero & Moreno (1992)

Muitos alunos vítimas de bullying, faltam à escola como forma de precaver futuras agressões. Estes alunos sentem dificuldade em se concentrar nas tarefas escolares, colocando o seu sucesso escolar em causa. Robinson (1978) e Robinson e Tayler (1986) apontam que um aluno com insucesso ou com uma perspectiva contínua de insucesso, facilmente deixa de ter interesse e de investir na sua vida académica, originando insucesso e um aumento das expectativas negativas face ao seu rendimento escolar. Perante este ciclo de desinteresse, a autoestima do aluno é ameaçada. Por outro lado muitas crianças refugiam-se nos estudos como forma de isolamento evitando assim o convívio entre pares. Geralmente estes alunos têm um autoconceito académico positivo mas a sua autoestima é negativa.

Devido às agressões sofridas, muitas crianças têm dificuldades em adormecer e apresentam um sono pouco sossegado, receiam a escola e são inseguras, outras apresentam sintomas físicos ou do apetite. Este tipo de alunos adquire uma autoestima mais pobre e uma maior tendência para entrar em estados depressivos. Esta situação acontece quando a vítima revela sentimento de impotência face à agressão, originando

uma diminuição de autoconfiança e conseqüentemente baixa autoestima. Randall (1996); Amado & Freire (2002); Pereira (2001); Fernandez (1998)

A forma como nos sentimos afeta as nossas ações e determina como encaramos o fracasso ou o sucesso. As pessoas não são felizes se a imagem que projetam de si para o mundo, não é uma imagem com valores positivos e de felicidade. A forma como nos vemos e como os outros nos veem influencia as relações que temos com os outros e conosco, desta forma todas as relações que se estabelecem e que nos afetam negativamente, podem afetar a nossa autoestima. Assim todas as crianças vítimas deste tipo de violência tendem a apresentar problemas psíquicos, emocionais, baixa autoestima, insegurança, timidez, ansiedade e depressão. Peralva (2000)

Muitos alunos têm dificuldade em gostar de si, dos seus sentimentos, do seu corpo e do seu comportamento, em suma, têm dificuldade em se aceitar. Estes alunos gostariam de ser diferentes para que os seus pares os aceitassem e dessa forma fazer parte integrante do grupo. Esta insatisfação e dificuldade da aceitação de si são muito importantes para a autoestima, que perante tais dificuldades é sempre negativa. Se houvesse um único fator que destruísse o ego e a autoestima da criança e a levasse a uma variedade de défices emocionais, este fator seria a relação do aluno com a escola. Ferreira (2001)

Alguns autores, como Brizendine (2007), consideram que a autoconfiança e a liberdade de ação estão interligadas. Assim as crianças que confiam em si agem sem medo, enquanto as crianças que não confiam nos seus atos e atitudes, esperam que os outros tomem as decisões por si e assim a aceitação do fracasso é, de alguma forma, atenuada. Uma pessoa que tem amor por si respeita-se como é, aceita-se como é, proporciona uma visão positiva de si e das suas capacidades, influenciando positivamente a sua autoconfiança. Assim a autoestima é uma experiência pessoal, única e de grande importância para o desenvolvimento. Apesar da autoestima ser uma experiência pessoal que cada um constrói ela é influenciada pelas vivências que vamos tendo ao longo da vida. Por isso, a criança necessita aceitar-se, amar-se, admirar-se, valorizar-se e acreditar em si e nas suas capacidades para poder enfrentar os desafios que a escola lhe põe. Se a criança é constantemente vítima de bullying, não pode realizar estas experiências interiores de forma positiva. Se desta forma os seus sentimentos passam a ser negativos, de tristeza, de medo e culpa, então o seu crescimento fica comprometido.

5. A escola

5.1. *Bullying na escola*

“A Paula tinha 16 anos e frequentava o 7º ano de escolaridade. A Fernanda sua colega, chegou um dia, muito aflita junto da Professora de Ciências (...). O relato da Fernanda é curto. A Paula ficou junto à escola onde uns rapazes, colegas da turma lhe queriam fazer “coisas” e por isso prenderam-na. O abuso sexual era a prática de violência a que estava a ser sujeita mas, também a agressão verbal, chamar nomes, a discriminação e o isolamento – a única colega que falava com ela nos recreios era a Fernanda. (...) No ano letivo seguinte, já a professora estava colocada noutra escola quando recebeu uma chamada telefónica a dizer que a Paula se tinha suicidado”. (Pereira e Mendonça, 1995:p.40)

A escola, para além de ser um lugar privilegiado para se adquirirem conhecimentos académicos, também é um lugar onde se realizam interações sociais e se desenvolvem valores como o civismo, amizade, respeito, tolerância, entre outros. Sendo estas premissas fundamentais a escola deveria ser um espaço de segurança, no entanto nem sempre é assim. A escola é considerada “um período de vida do indivíduo, em que se fazem as aprendizagens básicas determinantes da sua inserção social”. (Ferreira, 2001:p.3)

As inter-relações que se estabelecem entre os indivíduos e a sociedade são influenciados pelas ligações que se estabelecem na escola, nomeadamente entre pares, família e escola. A vida em sociedade existe com regras que temos de respeitar e, se às crianças não lhes for explicado que o cumprimento das regras é fundamental para a vida em sociedade, as crianças entenderão que o não cumprimento dessas mesmas regras não lhes trará qualquer punição, quebrando-as sempre que o entendam. Esta situação é o que acontece sempre que um aluno quebra as regras na escola e não sofre qualquer consequência. A agressividade é um problema que pode afetar seriamente a habilidade das crianças progredirem a nível académico e social. Ferreira e Pereira (2001)

Contudo, devemos salientar que os efeitos do não cumprimento das regras sociais e de civismo, não se limitam ao período escolar, tendo por vezes consequências na vida futura, para aqueles que são vitimizados por um longo período de tempo e para os agressores que têm uma maior probabilidade vir a ter problemas com a lei. Matos (2001)

Assim entendem os autores citados que a escola deve possibilitar à criança relações de bem-estar, para que a futura geração seja produtiva, confiante, respeitadora e cívica.

Infelizmente nem sempre é o que acontece na escola, sendo até muitas vezes um impulsionador de agressividade. A agressividade na escola pode acontecer por diversos motivos como foram sendo referenciados ao longo deste trabalho, a imitação de comportamentos adultos, vida familiar difícil, ausência parental e exigência de maior responsabilidade na escola. As regras, desempenho e resultados exigidos à criança que não está preparada para esta nova fase, pode levá-la a revoltar-se e a desencadear atitudes de agressividade e negação perante a escola. Desta maneira, deve-se implementar uma política de antibullying através do envolvimento de toda comunidade educativa. Randall (1996) estabelece um programa que visa consciencializar toda a comunidade educativa, acerca do bullying, formar grupos de pais, professores, alunos e encarregados de educação e estabelecer um sistema de informação e de combate às situações de bullying. Neste sentido também Oweus (1998) considera que o bullying reduziria na escola se esta envolvesse a comunidade educativa em jornadas escolares sobre o tema e promovesse maior envolvimento dos pais em reuniões com professores colocando-os a par da gravidade sobre o assunto. Pereira (2000) entende que os docentes deveriam realizar mais formação nesta área, considera também que os espaços considerados perigosos ou propícios a maior índice de violência como os recreios, deveriam ser alvo de melhoramentos e maior vigilância.

A escola deve atender às necessidades de instrução, educação, socialização e desenvolvimento dos alunos, promovendo diversas competências. Uma das funções da escola é a socialização dos alunos, embora muitas vezes a heterogeneidade sociocultural que nela existe conduz à emergência de situações divergentes tomando a forma de conflito, violência ou indisciplina. No fundo, trata-se de inadaptação social porque existe um desajustamento entre o aluno e o ambiente escolar em que está inserido, havendo dificuldade em cumprir as regras impostas por este meio. Esta inadaptação pode ser fruto de um mau relacionamento entre pares ou causado por insucesso escolar, levando a que os alunos que sofrem de um sentimento negativo se sintam mais desencorajados e aborrecidos na escola. Abrantes (1998)

Desta forma, Charlot (2002) caracteriza a violência que se faz na escola sob três formas. A violência na escola é a violência que se realiza dentro do espaço escolar, mas que não está ligada à natureza das atividades escolares, isto é, a violência que se realiza na escola poderia ser praticada em qualquer local. Quando os alunos provocam distúrbios, batem nos professores ou os insultam é considerado pela autora como

violência à escola. Violência da escola é todo o tipo de violência que a escola enquanto instituição, promove contra os seus alunos.

A violência escolar abrange variados fenómenos como agressividade, intimidação, maus tratos, rejeição ou abusos de uma criança sobre outra. Sánchez Santa- Bárbara (2005)

A violência entre alunos constrói-se em torno de duas lógicas complementares: “de um lado, encenação ritual e lúdica de uma violência verbal e física; de outro, ajuste pessoal em relações de força, vazias de qualquer conteúdo preciso, exceto o de fundar uma percepção do mundo justamente em termos de relações de força. Nos dois casos, o que está em jogo é a construção e a autorreprodução de uma cultura da violência”. (Peralva, 2000: p.20)

Na escola, o local onde as vítimas de bullying mais sofrem, é nos recreios. Este espaço é apontado por alguns autores como o local onde a agressividade ocorre com maior frequência. Paradoxalmente, Ferreira (2001) e Pereira (2000) referem que o recreio também é o espaço que os alunos mais gostam, pois é aqui que supostamente convivem, jogam e brincam com os seus colegas. Pereira (2000) explica esta situação pelas características destes espaços. Os recreios das escolas são os locais com maior índice de violência por vários motivos, por um lado os alunos passam muito tempo sem vigilância de adultos, por outro lado não existem muitos materiais capazes de os tornar atrativos e agradáveis. O facto de as crianças não terem muito com que se ocuparem leva a que a sua atividade seja muitas vezes bater e aborrecer os mais indefesos. Deve ser feita uma reflexão sobre os recreios escolares, nomeadamente ao nível de espaços, das práticas, comportamentos sociais e individuais que ocorrem nestes locais já que “a criança evolui, transforma-se e adapta-se a partir dos dados que o envolvimento lhe permite”. (Neto, 1979: p.36)

O bullying raramente ocorre dentro da sala de aula, uma vez que o professor é um fator dissuasor de violência, no entanto sempre que isto acontece, a excitação e a desconcentração que o ato violento provoca nos alunos obrigam o professor a um maior esforço, tanto para retomar o interesse no conteúdo ministrado, como para tranquilizar a turma e fazer diminuir a dispersão natural que um episódio deste tipo provoca. Costa (2001)

Em termos conclusivos podemos dizer que o clima escolar afeta os alunos não só em termos académicos, mas também em termos sociais e psicológicos, sendo imperativa uma resolução assente na qualidade escolar e no estabelecimento de relações

interpessoais agradáveis entre os membros da comunidade educativa, particularmente entre os grupos de pares.

A escola tem de ser um lugar seguro para todos os que dela fazem parte, no entanto sabemos que nem sempre é o que acontece. Atualmente a escola dispõe de meios para intervir a favor da estabilidade de todos. Para que tal aconteça os agrupamentos devem contemplar no Projeto Educativo de Escola as medidas a adotar em caso de bullying. Um Projeto Educativo tem de ser encarado como o bilhete de identidade da escola, uma vez que é nele que se definem as metas, finalidades a prosseguir e as políticas que se pretendem desenvolver. Assim entende-se o Projeto Educativo como um documento onde se afirma as opções da escola e comunidade educativa quanto ao ideal a seguir e nesse ideal deve estar contemplado a paz na escola.

5.2. Atitudes do professor face ao bullying

A escola deve estar preparada para diagnosticar, intervir e prevenir atos de violência. O papel da escola é fundamental para que as crianças aprendam a refletir e a lidar com as suas emoções. De facto, alguns fatores que desencadeiam a violência encontram-se fora da escola, como os problemas familiares e sociais dos alunos. No entanto existem muitos fatores que são originados dentro da escola, como o desempenho académico dos alunos e a inadaptação aos currículos, este insucesso provoca nos alunos um estado de revolta que é transferida para os outros sob a forma de violência geralmente exercida nos recreios.

“Um dos primeiros passos visando a valorização dos recreios como espaço e tempo de educação é discutir e definir os comportamentos desejáveis dos alunos em todo o espaço escolar, na sala de aula ou no recreio. Este não deve ser o local de “ninguém” e de “acertos de contas”, mas pelo contrário, um tempo e um espaço de atividade lúdica, onde as crianças não se aborrecem, mas gostam de estar”. (Pereira, 2000: p.191)

O mesmo autor refere que os professores devem atuar no sentido de se fazer cumprir e respeitar os direitos e deveres da cidadania, contribuindo para criar cidadãos democráticos, justos e solidários.

Para Bolger (1988), as relações entre pares têm um papel fundamental no desenvolvimento humano, uma vez que as relações saudáveis promovem a evolução do julgamento ético, moral, de reciprocidade e cooperativo. A escola é importante na vida de

uma criança, por isso é sua tarefa proteger os seus educandos. A escola não serve apenas para lhes abrir portas acadêmicas, mas também desenvolver recursos e mecanismos que lhes proporcione confiança e autoestima.

Neste sentido, o bullying pode ser considerado como um fator de interferência negativa, já que altera as referências pessoais como autoestima, autoimagem e autoeficácia, bem como as referências institucionais, ou seja, a escola enquanto espaço de aprendizagem, de vínculo e de proteção não cumpre o papel para que foi designada. O mesmo acontece com a relação professor-aluno, que é muitas vezes permeada pela falta de limites, de respeito e de valorização do professor pela sociedade. Todas estas premissas levam a que o aluno também o desvalorize e aí o confronto fica de igual para igual. Perante esta situação o professor fica indiferente a algumas situações que se criam na escola. Por outro lado, alguns professores demonstram o autoritarismo e excessivo abuso de poder, o que cria uma barreira para a relação empática, tão necessária para a proteção e cuidado do aluno dentro do ambiente escolar. Perante estas situações, é necessário que se criem situações de equilíbrio na escola, de respeito e valorização de ambas as partes.

Para os pais a atitude da escola, nos casos em que esta ignora a situação de bullying ou quando a escola não promove a implementação de medidas que visem a solução do problema, cria uma grande revolta devido ao sofrimento que observam nos filhos e por não terem grande capacidade de ajudar e acompanhar o processo na escola. Olweus (1993)

Denunciar a situação representa um momento de grande sofrimento e o esforço realizado na procura de soluções parece não ter efeitos os imediatos que as vítimas ou seus pais desejariam.

Denunciar é o primeiro passo para que se reponha os direitos da criança e se faça justiça. Quando um professor tem conhecimento de que um aluno foi vítima de bullying deve trabalhar no sentido de minorar os danos psíquicos destas crianças e impedir que apenas se dê importância ao sucedido quando a sua estrutura de personalidade já sofreu danos gravíssimos. O professor deve começar por informar a direção da escola, de modo a que esta tome uma atitude de proteção para com a vítima e de vigilância para com o agressor. Os pais devem ser informados dos esforços que estão a ser feitos para a prevenção e proteção do seu filho. Realizar palestras sobre o tema de modo a informar e sensibilizar os agressores e respetivas famílias é também uma forma de combate ao bullying. Relativamente às vítimas, estas devem ser ouvidas de modo a fortalecer a sua autoconfiança. Para que isto aconteça é necessário que se reforcem os

elogios e os aspetos positivos dos alunos, de modo a que estes se sintam confiantes, quebrem as barreiras do silêncio e elevem a sua autoestima. González-Perez, J. & Pozo, M. J. C. (2007)

Se houver uma suspeita de que um aluno é vítima de bullying, devemos partilhar as preocupações com outros professores e funcionários da escola, para que estes vigiem os recreios com maior atenção. A escola deve solicitar informações de como o aluno é tratado por outras crianças e se houve alterações súbitas de comportamento, ou seja, se o aluno relatou sentir preocupação ou medo de estar na escola. Se o aluno utilizar o transporte escolar, o professor não pode deixar de verificar como é que ele é tratado pelos colegas durante a viagem, isto pode trazer alguns indícios de uma situação que não é isolada, isto é, pode dar indícios de que a violência também ocorre fora dos muros da escola de forma frequente e regular. Muitas vezes verifica-se pouca consciencialização por parte da escola da existência do bullying. Profissionais pouco alertados que não sabem lidar com o fenómeno e diretores que negam essa realidade, para que a sua escola seja vista como segura, levam a que as vítimas fiquem desprotegidas. Os autores referem que alguns professores após terem conhecimento sobre bullying nas escolas, as reações eram diferentes de professor para professor. Alguns aceitavam, outros continuavam acreditar que isso faz parte da infância e que as crianças têm que aprender a trabalhar com esses acontecimentos. Assim sendo, o autor considera que os professores devem ter mais formação nesta área e que alunos devem ser encorajados a contar as suas histórias. Ao ouvir as vítimas os professores nunca devem interromper, deve ouvir atentamente e apoiar o aluno. Se em alguma situação houver indícios de suicídio, o professor deve levar esta situação muito a sério e encaminhar o aluno para ajuda psicológica. É muito importante que todos os envolvidos acreditem que o bullying é uma situação grave na escola e que necessita de ser identificado, diagnosticado e resolvido. Beane (2000)

Não é invulgar ouvir pais e professores de vítimas ou agressoras de bullying, afirmar que é desta forma que as crianças se fazem “homens” e aprendem a defender-se numa sociedade hostil e competitiva, onde reina a lei do mais forte. Ignoram, desvalorizam ou recusam conhecer, porém, as intensas feridas emocionais que a violência e o bullying podem deixar numa criança, o que poderá, em alguns casos, levar ao desenvolvimento de comportamentos de risco, como a delinquência, violência nas relações de intimidade, outros comportamentos aditivos e até suicídio. Assim, é necessário procurar sinais de alerta para se identificar as vítimas e agressores, para que

a escola inicie o processo de proteção da vítima e de reeducação do agressor. Olweus (2004)

O mesmo autor considera que existem comportamentos de alerta observáveis e de fácil identificação para os professores. Se o aluno apresenta um aspeto contrariado, triste, deprimido ou aflito, desleixo gradual com as tarefas escolares, pisaduras, arranhões ou outros ferimentos, roupa rasgada, ausências injustificadas e perda dos seus pertences, o professor deve atuar de modo a que o aluno se sinta seguro na escola.

Para além dos comportamentos das vítimas, o autor também apresenta os comportamentos observáveis que os agressores costumam ter e que podem permitir ao professor atuar. Muitas vezes o agressor faz “brincadeiras” ou goza dos colegas de forma hostil, dá apelidos ou chama pelo nome ou sobrenome de forma sínica, insulta, menospreza, ridiculariza, difama, ameaças, dá ordens, domina e subjuga, incomoda, intimida, empurra, puxa, bate, dá socos, pontapés, dá beliscões, puxa os cabelos, envolve-se em discussões e desentendimentos, tira ou estraga o material escolar, dinheiro, lanches e outros pertences. Apesar destas situações acontecerem com frequência em algumas escolas, muitas vezes as vítimas não denunciam o seu agressor aos professores com medo de maiores represálias. Por isso os professores devem estar atentos e usar os meios que a escola lhe proporciona para proteger as vítimas e parar os agressores.

5.3. O que fazer em caso de bullying

A prevenção através da educação para uma cultura de paz e não-violência significa, antes de mais, “mediar, criar pontes que tentem evitar o aparecimento de problemas e dificuldades, através da sua prévia identificação e da rápida intervenção, ensinando capacidades e competências aos alunos, no sentido de melhorar as suas relações interpessoais.” (González-Pérez e Pozo, 2007: p. 7)

Field (1996) identifica os passos seguintes, como os que mais se verificam para fazer face ao *Bullying*:

- 1) Contar à família;
- 2) Contar ao professor;
- 3) Contar a colegas;
- 4) Ser racional com o perpetrador;
- 5) Obter a proteção de alguém;
- 6) Procurar aconselhamento psicológico;

- 7) Dizer ao agressor para parar;
- 8) Apresentar queixa formal/informal;
- 9) Relatar o incidente por escrito;
- 10) Pedir transferência de escola;
- 11) Apelar para os tribunais.

Outros autores como Fante e Pedra (2008) comentam que quando a violência é identificada na escola, é necessário tomar as devidas medidas, procedimentos e encaminhamentos. A escola tem um papel fundamental através de ações e programas preventivos que visem acabar com a violência no seu interior.

Neto (1979) relata que a escola deve ouvir e dar atenção às reclamações e denúncias dos alunos. Além disso, a escola deve fazer um registo de toda e qualquer reclamação identificando os agressores e vítimas e tomar as providências necessárias. Para o autor, devemos ser solidários ao longo do processo e empenharmo-nos em reduzir ou eliminar os casos de bullying. A escola deve ser um lugar de aprendizagem académica e de aprendizagem cívica. É este tipo de comportamento que os professores devem transmitir aos seus alunos. Os órgãos competentes, através dos meios legais que dispõe deve realizar tudo o que estiver ao seu alcance para que a escola se torne num lugar seguro para todos.

Capítulo II – Enquadramento Empírico

1. Percurso Metodológico

1.1. Definição do Problema

Existe violência entre colegas (bullying) nas escolas do primeiro ciclo do Agrupamento do Monte da Ola?

1.2. Objetivos do Estudo

O estudo pretende debruçar-se sobre o problema bullying considerando os seguintes objetivos:

1.2.1. Objetivo geral:

Descobrir se existe violência entre alunos aferindo assim os agressores e as vítimas de bullying, naquele agrupamento de escolas.

1.2.2. Objetivos específicos:

- Descobrir se existem alunos vítimas de bullying;
- Descobrir se existem alunos agressores.

1.3. Definição de Hipóteses e Variáveis

Hipótese de trabalho: Existem vítimas e agressores de bullying nas escolas do 1º ciclo do agrupamento Monte da Ola.

VI: Exposição ao bullying.

VD: Vítimas e agressores.

1.4. Metodologia de investigação

Face à diversidade de métodos de investigação passíveis de serem utilizados e tendo em conta que todos contêm vantagens mas igualmente limitações, a escolha dos métodos a utilizar prendem-se com a natureza do problema que se tenciona estudar. Quivy & Campenhoudt (1992)

Dado que neste estudo se pretende contribuir para o conhecimento do nível de violência numa escola portuguesa, optou-se pelo método de investigação quantitativa, como é o caso do questionário, por constituir um meio complementar na obtenção de informação pertinente para a consecução dos objetivos.

O questionário é anónimo, com linguagem simples e clara. Este é constituído por cinco blocos todos com questões fechadas. O bloco I é constituído por questões que estão relacionadas com a identificação do aluno em termos de idade, sexo e ano de escolaridade. O Bloco II é constituído por sete questões direcionadas às vítimas.

Com perguntas que abordam o tipo de violência praticada, onde foi praticada, quantas vezes, por quem e se a vítima informou os pais e professores, pretendemos assim aferir se existem vítimas nestas escolas. O bloco III é constituído por duas perguntas dirigidas aos agressores. Neste bloco pretende-se saber quantas vezes agrediram e se o fizeram sozinhos ou em grupo.

O bloco IV tem como intuito saber se os alunos gostam dos recreios e o que fazem neles. Este bloco é constituído por duas perguntas.

O bloco V tem duas perguntas e pretende saber se os alunos têm amigos ou se costumam ficar sós nos recreios.

Neste questionário existem questões em que o aluno só pode dar uma resposta e outras em que os alunos podem dar mais que uma resposta. Nestes casos a percentagem é feita relativamente ao número de respostas dadas.

2. Justificação do Estudo

O estudo do bullying é pertinente pois cada vez mais se verificam casos de violência entre pares na escola. O bullying é um fenómeno que vem sendo objeto de investigação e de estudos nas últimas décadas. Este fenómeno despertou atenção da sociedade devido às consequências nefastas que produz. O bullying evidencia-se pela “desigualdade entre iguais”, resultando num processo em que os mais fortes projetam sua agressividade com requintes de perversidade e de forma despercebida dentro da mesma escola. Por outro lado, considera-se o bullying como um fenómeno bastante antigo, por se tratar de uma forma de violência que sempre existiu nas escolas – onde os bullies (agressores) continuam a reprimir e a amedrontar as suas vítimas, por motivos banais e que até hoje ocorre despercebida da maioria dos profissionais educativos. Fante (2005)

Este tipo de acontecimento ocorre em todas as escolas, de diferentes formas e por diversos motivos. Embora muitos adultos considerem como normal, não o é. São atitudes que variam o nível das agressões, mas independente disso, causam sofrimentos emocionais e físicos a todos os envolvidos. Este estudo é realizado com muito sentimento, uma vez que a experiência bullying está presente em casa de muitas crianças diariamente. Juntamente com isso vem o sofrimento da indiferença de alguns professores que consideram normal um aluno perseguir outro.

3. Pertinência do Estudo

Estudos indicam que, as “brincadeiras de mau-gosto” de antigamente, hoje são consideradas bullying. Estas podem transformar-se numa ação muito séria, originando desde simples problemas de aprendizagem até sérios transtornos de comportamento, responsáveis por índices de suicídios. Sendo um fenómeno que sempre aconteceu nas escolas, mantém ainda hoje um carácter oculto, pelo facto das vítimas terem medo ou falta de coragem para fazer uma denúncia. Isto contribuiu para o desconhecimento e, muitas vezes, para a indiferença sobre o assunto por parte dos professores. Silva (2008)

Com este estudo pretende-se descobrir se existe violência nas escolas do 1º ciclo para que se possa alertar os professores, pais e restante comunidade educativa para os perigos do bullying, a curto, médio e a longo prazo. Precisamos reconhecer que o bullying escolar não é uma brincadeira de crianças e é prejudicial para todos.

Assumir uma responsabilidade social e humana, afastando esse tipo de violência das nossas escolas, é uma finalidade que, como professores, temos obrigação de atingir. Proteger os mais indefesos e reeducar os agressores, responsabilizando as suas famílias e as respetivas direções de escolas, deve ser uma premissa pois, só desta forma, é que poderemos formar cidadãos responsáveis e respeitadores das regras da humanidade.

Assim consideramos que é necessário intervir junto de crianças vítimas e agressoras de bullying, no sentido de evitar a continuidade e agravamento das agressões. Importa implementar medidas de prevenção que visem reduzir a incidência de comportamentos de risco, promovendo a reflexão e aprendizagem acerca de métodos de resolução de conflitos.

4. Limitações do Estudo

De acordo com as características do estudo, depreende-se um condicionalismo: dos 200 alunos existentes nas escolas do 1º ciclo, apenas fazem parte da amostra 130. Os professores do 1º e 2º ano entenderam o questionário não deveria ser aplicado nas suas turmas, tendo em conta a faixa etária dos seus alunos. Este facto implica alguma prudência no que concerne à generalização dos resultados.

Capítulo III – Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados

1. Procedimentos Estatísticos

Os questionários foram aplicados aos alunos em sala de aula, na hora de apoio ao estudo. Iniciou-se o preenchimento dos questionários com uma explicação sobre a forma como deveriam ser preenchidos. As perguntas do questionário foram lidas pergunta a pergunta, em voz alta para todos. Todos os questionários foram aplicados, nas diferentes escolas na mesma semana.

Após a aplicação dos questionários foram realizadas as análises estatística dos resultados e para isso foi utilizado o programa Microsoft Excel, através do qual se realizaram os procedimentos estatísticos.

2. Caracterização da amostra

O Agrupamento de Escolas do Monte da Oia reúne estabelecimentos de ensino de quatro freguesias do Concelho de Viana do Castelo: Alvarães, Mazarefes, Vila Fria e Vila Nova de Anha. As freguesias estão dispostas a sul do rio Lima, são todas próximas umas das outras e são todas de características semirurais. O corpo docente desta escola é todo do quadro, dando alguma estabilidade em termos de aproveitamento escolar. O nível de aprovações é de 90%.

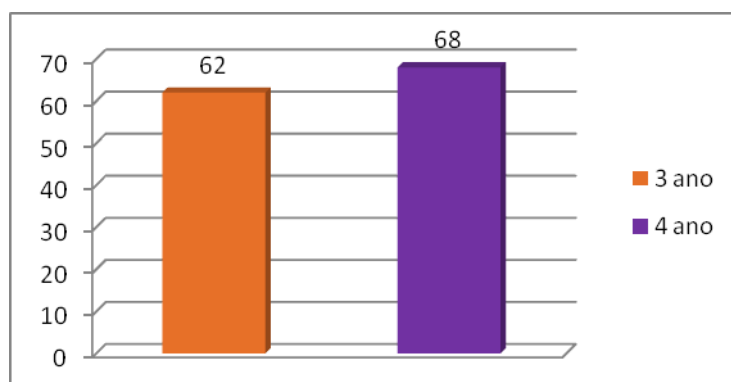
Os questionários foram aplicados a todas as escolas do 1º ciclo deste agrupamento, na terceira semana do terceiro período, aos alunos do 3º e 4º ano de escolaridade. As professoras do 1º e 2º ano entenderam que o questionário seria de difícil execução para os seus alunos e por isso não foi aplicado a estes anos de escolaridade.

A amostra é de 130 alunos, todos do 1º ciclo. Os alunos que responderam ao questionário são 68 do sexo masculino e 62 do sexo feminino com idades compreendidas entre os 8 e os 11 anos.

3. Apresentação dos Resultados

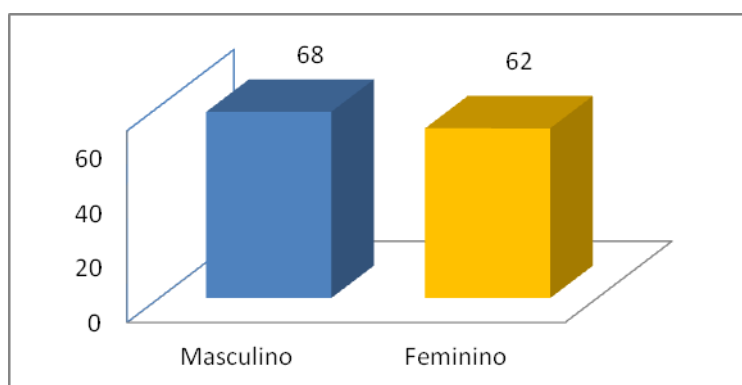
Bloco I - Identificação da amostra

Gráfico nº 1 – Ano de Escolaridade



Os alunos que participaram na realização do questionário foram 130, sendo (58%;n=62) do 3º ano de escolaridade e (52%;n=68) do 4º ano de escolaridade. Como se pode verificar pelo gráfico a diferença entre os anos de escolaridade não é significativa.

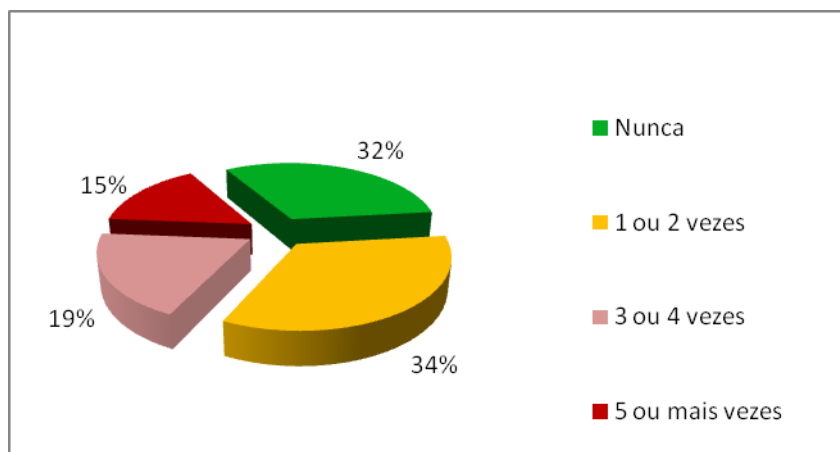
Gráfico nº 2 – Género



Neste questionário participaram (52%;n=68) do sexo masculino e (58%;n=62) do sexo feminino. A diferença entre o género masculino e feminino não é significativa.

Bloco II- Vítimas

Gráfico nº 3 – Q1



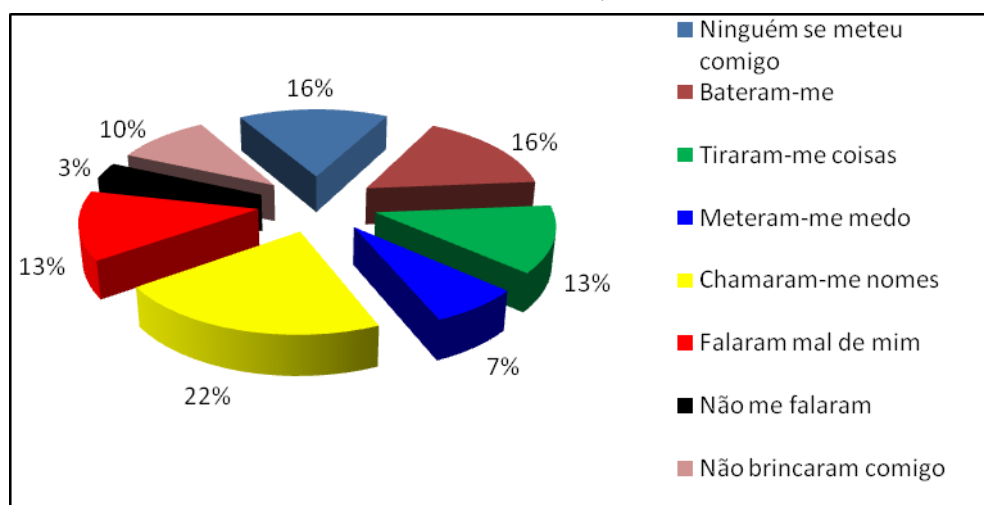
À pergunta número 1 do bloco II, “Desde que este período começou quantas vezes te bateram, empurraram, deram puxões, disseram mal de ti, meteram-te medo, não te deixaram brincar, estragaram-te o material, chamaram-te nomes”, verifica-se que a maior percentagem de alunos responderam que foram vítimas uma ou duas vezes (34%;n=44). Ao item: nunca foram vítimas responderam (32%;n=41), à resposta: três ou quatro vezes responderam (19%;n=25) e (15%;n=20) dos alunos responderam que foram vítimas cinco ou mais vezes.

Tabela nº1- Q1

Questão 1	Género masculino	Género feminino
3 ou 4 vezes	25%	13%
5 ou mais vezes	21%	10%

Como se pode verificar o índice de violência praticada contra sexo masculino é muito superior à percentagem de vezes praticada contra o sexo feminino.

Gráfico nº 4 – Q2



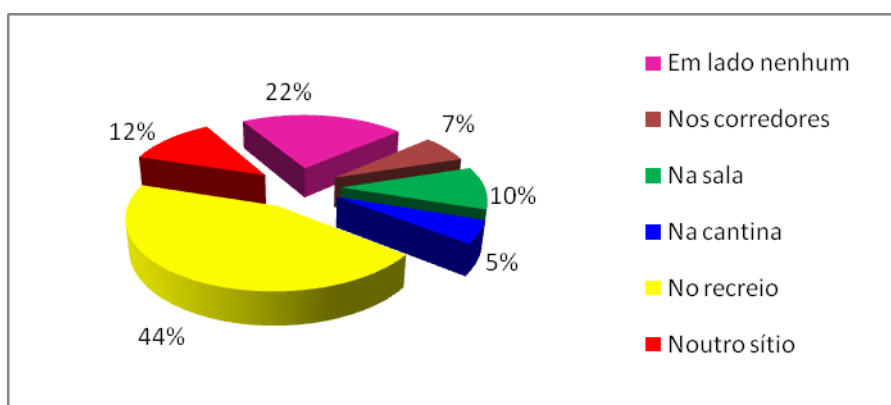
À pergunta número dois do bloco II: “Quais das situações já te aconteceram”, responderam com igual percentagem (16%;n= 40) bateram-me e ninguém se mete comigo, ainda com (13%;n= 32) responderam os alunos aos itens falam mal de mim e tiram-me coisas. Com (10%;n= 25) responderam os alunos ao item não brincaram comigo, com (7%;n=18) responderam metem-me medo e (3%;n=8) dos alunos responderam que não lhes falam, no entanto a maior percentagem de alunos (22%;n=54) respondeu que é vítima de violência verbal por parte dos colegas.

Tabela nº 2- Q2

Questão 2	Género masculino	Género feminino
Bateram-me	22%	8%
Tiraram-me coisas	14%	11%
Meteram-me medo	7%	7%
Chamaram-me nomes	24%	18%
Falaram mal de mim	12%	15%
Não me falam	1%	7%
Não brincam comigo	7%	14%

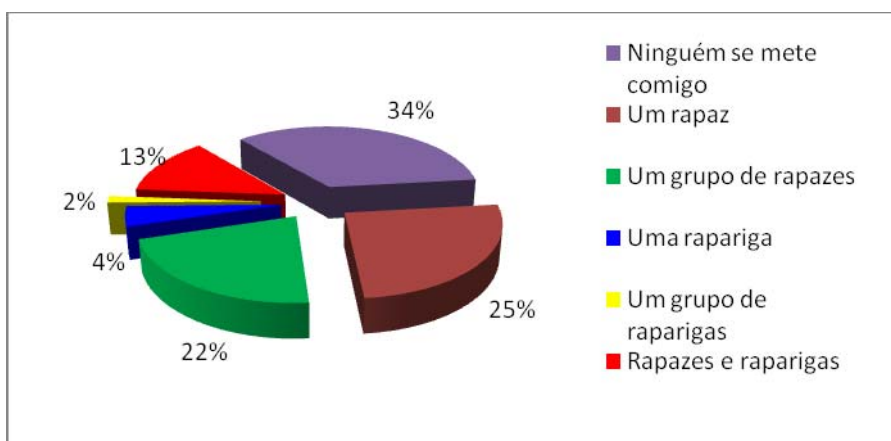
Como se pode verificar, na tabela existem diferenças no tipo de violência praticada no género masculino relativamente ao género feminino. Bateram-me, tiraram-me coisas e chamaram-me nomes tem uma percentagem superior nos rapazes, enquanto as raparigas revelam uma maior percentagem na questão chamaram-me nomes, falaram mal de mim e não brincar comigo.

Gráfico nº 5 – Q3



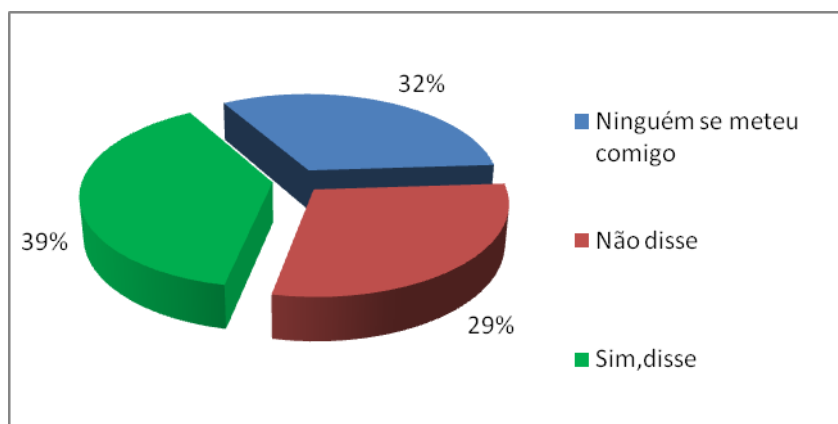
“Em que sítios acontecem essas situações”. A esta pergunta (44%;n=75) dos alunos inquiridos responderam que é no recreio que acontecem as situações de bullying, (22%;n=37) respondem que não acontecem em lado nenhum, (12%;n=20) responde que o bullying acontece noutros sítios. Na sala responderam (10%;n=17) dos alunos inquiridos. Nos corredores (7%;n=11) dos alunos e (5%;n=9) diz ser vítima na cantina.

Gráfico nº 6 – Q4



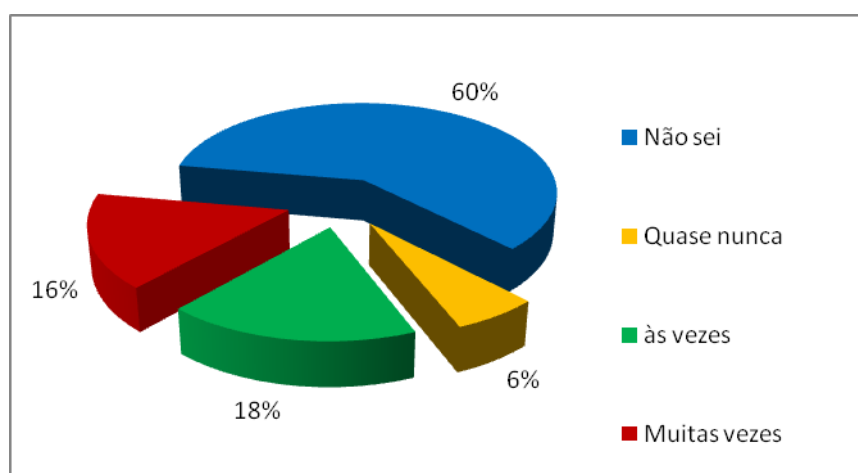
Como se pode verificar pelo gráfico, à pergunta número quatro “ Quem se mete contigo” responderam (34%;n=46) ninguém se mete comigo. Com uma percentagem de (25%;n=34) responderam que um rapaz era quem mais cometia bullying, e (22%;n=29) responde que é um grupo de rapazes. Com uma percentagem inferior (13%;n=17) responderam rapazes e raparigas, (4%;n=) responderam uma rapariga e apenas com (2%;n=2) um grupo de raparigas.

Gráfico nº 7 – Q5



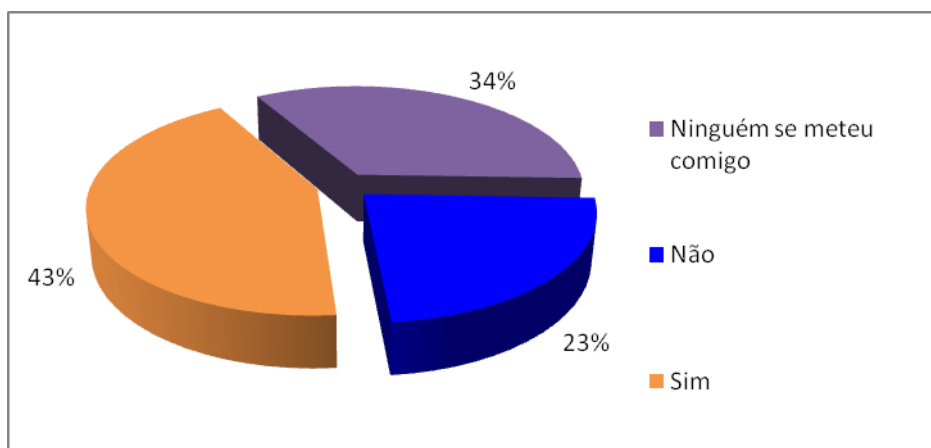
Neste gráfico pode-se verificar que à pergunta “Disseste ao professor que os meninos se metiam contigo” (39%;n=50) respondeu afirmativamente, enquanto (29%;n=38) responderam negativamente, já (32%;n=42) responderam que ninguém se metia com eles.

Gráfico nº 8 – Q6



A maior percentagem dos alunos inquiridos (60%;n=78) responde que não sabe “quantas vezes os professores tentaram parar os agressores”, (18%;n=23) responderam às vezes, (16%;n=21) responderam muitas vezes e (6%;n=8) dos alunos respondeu que quase nunca os professores tentaram parar os agressores.

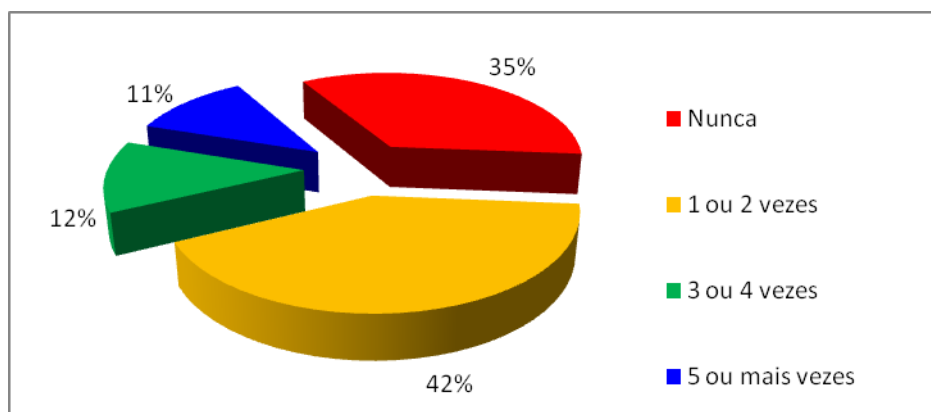
Gráfico nº 9 – Q7



Na pergunta número sete “disseste ao pai e à mãe”, responderam afirmativamente (43%;n= 56) e negativamente (23%;n=30). Com (34%;n=44) encontram-se os alunos que afirmam não ter sido vítimas de bullying.

Bloco III – Agressores

Gráfico nº 10 – Q1



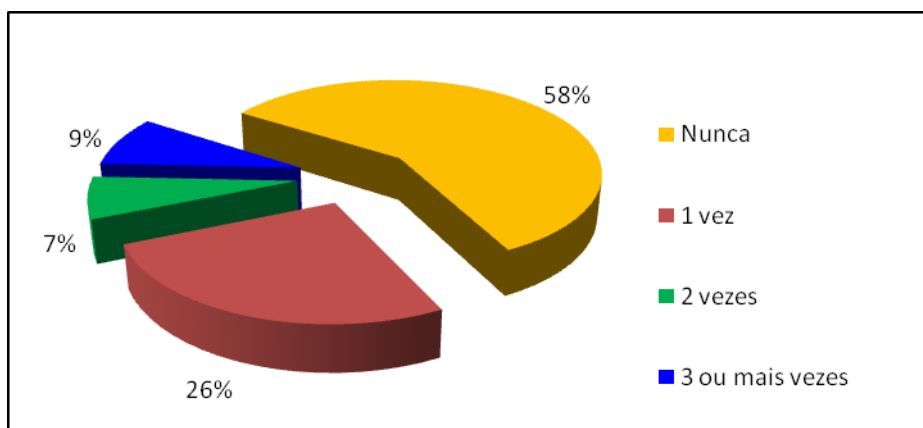
No bloco III, referente aos agressores, à pergunta número um “neste período quantas vezes tu te meteste com outros meninos”, foi respondido com (42%;n=54) uma ou duas vezes, (35%;n=45) dos alunos responderam que nunca se tinham metido com os colegas. Alguns alunos (12%;n=16) responderam que tinham sido bullies com os colegas três ou quatro vezes neste período e (11%;n=15) cinco ou mais vezes.

Tabela nº 3- Q1

Questão 1	Género masculino	Género feminino
3 ou 4 vezes	22%	2%
5 ou mais vezes	15%	8%

A frequência de violência praticada pelo sexo masculino é superior à frequência de violência praticada pelo sexo feminino. Consideramos bullying todas as ações repetidas, por isso apenas referenciamos os três ou quatro vezes, cinco ou mais

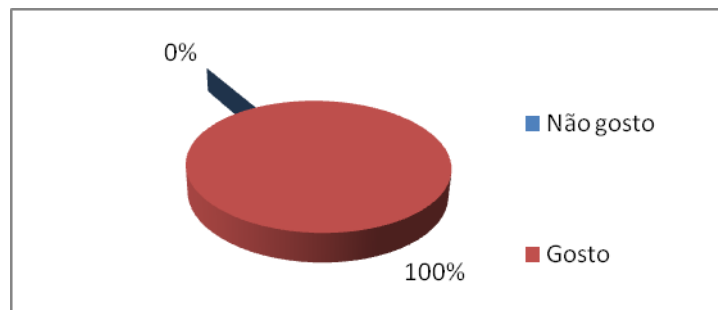
Gráfico nº 11 – Q2



Perante a pergunta número dois do bloco III “Neste período quantas vezes tu te juntaste aos outros para te meteres com um colega”, (58%;n=76) responderam que nunca, enquanto (26%;n=34) responderam que o fizeram uma vez. À resposta, duas vezes, responderam (9%;n=11) e (7%;n=9) juntaram-se para se meteram com os colegas três ou mais vezes.

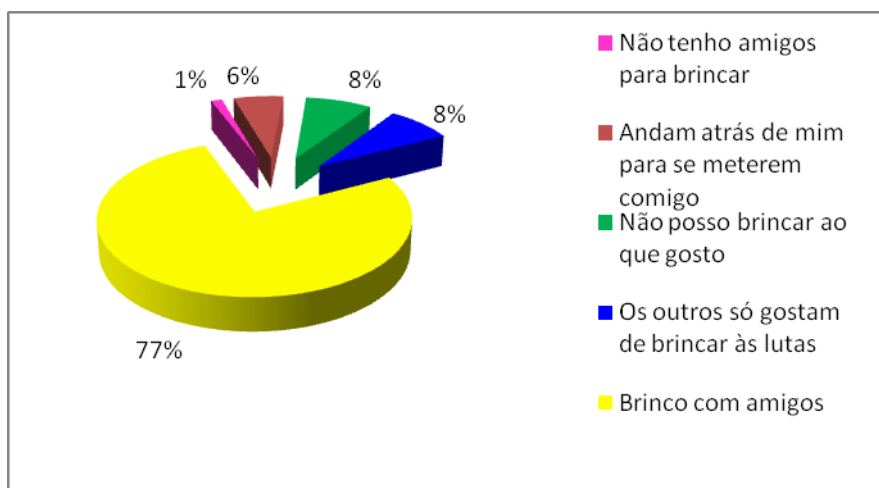
Bloco IV – Recreios

Gráfico nº 12 – Q1



Todos os alunos (7%;n=130) gostam do recreio, como se pode verificar pelas respostas dadas à pergunta número um do bloco IV “gostas dos recreios”.

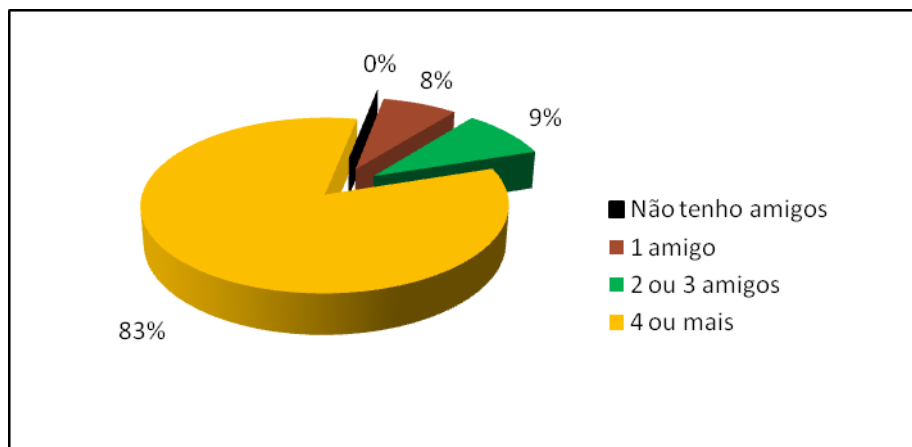
Gráfico nº 13 – Q2



“O que pensas dos recreios” é a segunda pergunta do bloco quatro. A esta pergunta responderam (77%;n=116) brinco com amigos. De forma igual responderam (8%;n=12) de alunos aos itens, os outros só gostam de brincar às lutas e não posso brincar ao que gosto. Com (6%;n=9) ficou a resposta, andam atrás de mim para se meterem comigo, e (1%;n=2) responderam que não têm amigos para brincar.

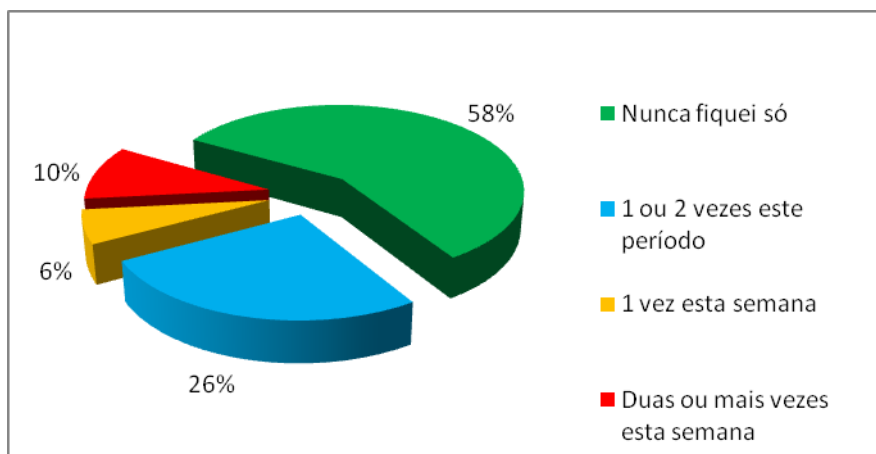
Bloco V – Amigos

Gráfico nº 14 – Q1



À primeira pergunta do bloco cinco “escreve o número de amigos que tens” responderam quatro ou mais (83%;n=108) de alunos. À resposta um amigo responderam (8%;n=10) e dois e três responderam (9%;n=12).

Gráfico nº 15 – Q2



“ Quantas vezes te aconteceu ficares só, porque os outros não queriam brincar contigo”. Verifica-se que (58%;n=75) dos alunos respondeu que nunca ficou sozinho, no entanto (26%;n=34) dos alunos ficaram sozinhos uma ou duas vezes este período. Ficaram duas ou mais vezes sozinhos (10%;n=13) dos alunos e (6%;n=8) afirma ter ficado sozinho uma vez esta semana.

4. Análise e Discussão dos Resultados

O Bloco I descreve o número de alunos por ano de escolaridade e género. A média de idades dos alunos é 9. Existem 62 alunos do 3º ano e 68 do 4º ano com idades compreendidas entre os oito e os onze. Destas escolas fazem parte 68 alunos e 62 alunas.

O Bloco II pretende aferir se existem alunos vítimas de bullying nas escolas do 1º ciclo deste agrupamento escolas. Fante (2005) refere que o bullying é uma ação em que o agressor magoa de forma repetida e intencional a vítima, abusando da sua situação de superioridade. Desta forma consideramos para estudo as respostas em que os alunos inquiridos foram vítimas de bullying de três a cinco vezes ou mais, obtendo assim uma percentagem de vitimação de 34%. Nesta questão ainda podemos aferir que os rapazes foram vítimas mais vezes, do que as raparigas, como se confirma através da tabela nº1. Fonseca (1995), em estudos feitos demonstra os rapazes como mais violentos que as raparigas, apresentando mais comportamentos de âmbito antissocial, apontando para uma relação de cariz mais agressivo. Os rapazes são por isso, mais vítimas e mais agressores simultaneamente.

Relativamente à pergunta número dois: “Quais das seguintes situações já te aconteceram”, a média das escolas é 22% para o item chamaram-me nomes, seguido de 16% para o item: bateram-me. Segundo Pereira (2000), os comportamentos agressivos diretos ocorrem entre rapazes, enquanto os comportamentos agressivos indiretos ou relacionais ocorrem com mais frequência entre raparigas. Os números obtidos em estudo confirmam o mencionado em literatura pelos autores, uma vez que o bullying indirecto foi praticado aos alunos do sexo masculino com maior incidência relativamente ao bullying indirecto praticado às raparigas. O mesmo autor refere que, geralmente os rapazes são mais violentos do que as raparigas uma vez que por razões culturais, na educação dos rapazes existe uma certa tendência para valorizar os comportamentos de domínio físico.

Os comportamentos agressivos diretos praticados contra alunos do sexo masculino como bater, chamar nomes e tirar coisas apresentam valores superiores relativamente aos comportamentos indiretos realizados aos mesmos. Já os comportamentos diretos realizados às raparigas são muito inferiores relativamente aos comportamentos indiretos realizados às mesmas.

Relativamente à pergunta número três, que pretende saber em que sítios aconteceram as situações de bullying, um número elevado de alunos (44%) indicou que a violência ocorre nos recreios. Dentro da sala de aula o bullying raramente ocorre porque

a presença do professor é um fator dissuasor da violência. A violência tende a ocorrer com maior frequência no recreio, como refere Pereira (2000). O mesmo autor explica esta situação pelas características destes espaços, nos recreios das escolas, os alunos passam muito tempo sem vigilância de adultos, por outro lado não existem muitos materiais capazes de os tornar atrativos e agradáveis. O facto de as crianças não terem muito com que se ocuparem leva a que a sua atividade seja muitas vezes bater e aborrecer os mais indefesos.

Na questão quatro, pretende-se saber se a violência é mais praticada pelos rapazes ou pelas raparigas. As respostas: um rapaz (25%) e um grupo de rapazes (22%) são as que apresentam valores mais elevados, ao contrário das respostas: uma rapariga (4%) e um grupo de raparigas (2%). De facto, diferentes autores consideram o bullying como um tipo de violência que é adotado por um aluno ou grupo de alunos contra outro infernizando a sua vida, sendo os rapazes os que praticam bullying com maior frequência na escola. Feldman (2002) Olweus (1993)

A pergunta número cinco tem como pretensão saber se as vítimas contam o seu sofrimento aos professores, ao que 39% responde que sim, valores perto dos alunos que respondem que não, 29%. Todos os professores devem ouvir as queixas e dar atenção aos alunos vítimas de violência na escola, assim afirma Beane (2000) ao considerar que os alunos devem ser encorajados a contar as suas histórias e que o professor nunca os deve interromper, devendo ouvir atentamente e apoiá-los.

Não é apenas importante saber se os professores ouvem os alunos é também importante saber se os professores tomam alguma atitude relativamente à violência sofrida por eles. A pergunta número seis demonstra que 60% dos alunos não sabe se os professores tomam alguma atitude relativamente aos agressores. Quando um professor tem conhecimento de que um aluno foi vítima de bullying deve trabalhar no sentido de minorar os danos psíquicos destas crianças e impedir que apenas se dê importância ao sucedido quando a sua estrutura de personalidade já sofreu danos gravíssimos. O professor deve começar por informar a direção da escola da situação, de modo a que estes tomem uma atitude de proteção para com a vítima e de vigilância para com o agressor. Fante e Pedra (2008) afirmam que não é invulgar ouvir pais e professores de vítimas ou agressores de bullying, afirmar que é desta forma que as crianças se fazem "homens" e aprendem a defender-se numa sociedade hostil e competitiva, onde reina a lei do mais forte. Ignoram, desvalorizam ou recusam conhecer, porém, as intensas feridas emocionais que a violência e o bullying podem deixar numa criança, o que poderá, em alguns casos, levar ao desenvolvimento de comportamentos de risco, como a

delinquência, violência nas relações de intimidade, suicídio e outros comportamentos aditivos. Assim, é necessário procurar sinais de alerta para se identificar as vítimas e agressores, para que a escola inicie o processo de proteção da vítima e de reeducação do agressor.

Os pais têm um papel importante na proteção e prevenção dos casos de abusos contra os seus filhos, por isso a pergunta número sete é muito importante para que seja possível a resolução de situações de bullying. Verifica-se que 43% dos alunos contou as situações de intimidação aos seus pais. Olweus (1993), refere que para os pais a atitude da escola, nos casos em que esta ignora a situação de bullying ou quando a escola não promove a implementação de medidas que visem a solução do problema, cria uma grande revolta devido ao sofrimento que observam nos filhos. González-Perez, J. & Pozo, M. J. C. (2007), entende que denunciar a situação é um primeiro passo para que se reponha os direitos da criança, se faça justiça. É muito importante que todos os envolvidos acreditem que o bullying é uma situação grave na escola e que necessita de ser identificado, diagnosticado e resolvido.

O Bloco III pretende aferir se existem agressores nestas escolas. A pergunta número um deste bloco questiona o número de vezes que os alunos agrediram outros desde que o 3º período tinha começado. Sendo que as respostas com maior percentagem referem nunca ter agredido ou ter agredido uma ou duas vezes. Para efeitos de estudo apenas nos interessa os alunos que agrediram repetidamente, desta forma vamos referenciar os 12% que agrediram três ou quatro vezes e os 11% que agrediram cinco ou mais vezes, perfazendo um total de 23% de alunos que agredem os outros, num curto espaço de tempo. É necessário lembrar que o questionário foi aplicado aos alunos na terceira semana do terceiro período. Smith (2006), refere que o agressor é alguém que implica frequentemente com os outros, que lhes bate, ameaça ou arrelia sem qualquer motivo. Revelam muitas dificuldades em controlar os seus impulsos, apresentam défices nas aptidões sociais e crenças pouco racionais. Segundo Olweus (1993), o agressor é aquele que vitimiza os mais frágeis, costuma manifestar pouca empatia, bem como necessidade de dominar e subjugar os outros, manifesta necessidade de conseguir a custo de ameaças o que se propõe, tende a ser impulsivo e ter baixa resistência a frustração.

Na questão dois deste bloco pretendemos saber se os alunos se juntam para praticar atos de bullying contra os colegas. Mais uma vez a grande percentagem responde negativamente ou fá-lo uma vez, o que não considerámos pertinente para o estudo. A praticar esses atos estão 16% dos alunos com 7% a realizá-lo duas vezes e

três ou mais vezes estão 9% dos alunos. Fante (2005), refere o bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivo evidente, adotado por um aluno ou grupo de alunos que magoam, intimidam e fazem a vida de outros alunos, levando-os à exclusão, provocando danos físicos, morais e materiais.

Com resposta 100% positiva encontra-se a pergunta um do Bloco IV, todos os alunos gostam do recreio. O local por excelência onde as vítimas de bullying mais sofrem é no recreio (44%), este espaço é apontado por Ferreira (2001) como o local onde a agressividade ocorre com maior frequência. Paradoxalmente Ferreira (2001) e Pereira (2000), referem que o recreio também é o espaço que os alunos mais gostam, pois é aqui que supostamente encontram o jogo e o convívio.

“O que pensas do recreio” é a segunda pergunta do Bloco IV, a maior percentagem de alunos tem uma percepção positiva dos recreios, referindo que é lá que brincam com os seus amigos (77%). O processo de interação entre a sociedade e o indivíduo é influenciado pelas relações que se estabelecem entre pares, nomeadamente nos recreios das escolas. Apesar dos alunos gostarem dos recreios é lá que passam muito tempo sem vigilância de adultos e por isso facilmente se tornam vítimas. Deve ser feita uma reflexão sobre os recreios escolares, nomeadamente, ao nível de espaços, das práticas e comportamentos sociais e individuais que ocorrem nestes locais. Neto (1979)

Verificamos pelas respostas dadas no Bloco V pergunta um, que 86% dos alunos inquiridos diz ter quatro amigos ou mais, contrariando o que referem os autores quando dizem que as vítimas de bullying tendem a ser menos sociais, a isolar-se e a ter poucos amigos. Goffman (1998) O mesmo autor refere que as crianças vítimas de bullying sofrem com a rejeição, isolamento e humilhação. Neto (1979) considera que as vítimas de bullying, não querem conviver e brincar livremente com medo de serem rejeitadas ou agredidas, por isso as vítimas de bullying não costumam ter muitos amigos. Olweus (2004) diz que geralmente são alunos com baixa autoestima, com uma visão negativa de si mesmo, por isso o normal é que tenham apenas um ou nenhum amigo na turma.

A pergunta número dois pretende saber se existiu exclusão, isto é se os alunos ficaram sozinhos por os colegas não quererem brincar com eles. A resposta com maior percentagem foi: nunca fiquei só (59%), no entanto 9% dos alunos ficaram sozinhos duas ou mais vezes numa semana, e 27% ficaram sozinhos uma ou duas vezes neste período, quando o mesmo se tinha iniciado há três semanas. Este tipo de comportamento não é muito visível e consiste em isolar uma aluna do seu grupo, destruindo a sua vida social, para Leymann & Gustafsson (1996), as vítimas de Bullying tendem a sentir-se aterrorizadas, humilhadas, isolando-se dos outros com medo de represálias. O bullying

indireto é realizado através da exclusão sistemática de alguém do grupo de pares, ameaça da perda de amizade como forma de obter algo, espalhar boatos, destruir a reputação em resumo destruir a vida social de alguém.

Neste ponto foi realizada a análise e a discussão dos resultados dos questionários feitos aos alunos, cujo intuito era estudar os comportamentos destes, para posteriormente verificar se existe ou não violência nas escolas do 1º ciclo deste agrupamento e assim responder à questão problema. Verificamos que os resultados confirmam as hipóteses, há vítimas e agressores nas escolas do 1º ciclo deste agrupamento, sendo os recreios os locais onde estas práticas são mais frequentes. Verificamos também que existem mais vítimas e agressores do sexo masculino. Entendemos que, perante tais resultados, a escola deve identificar as vítimas, identificar os agressores e promover o acompanhamento que ambos necessitam para que a escola seja considerada um lugar seguro para todos os que a frequentam.

Conclusão

Esta investigação iniciou com a definição do conceito bullying em contexto escolar e a sua influência na vida dos diferentes intervenientes. O estudo foi realizado aos alunos do 1º ciclo de um agrupamento de escolas do concelho de Viana do Castelo. Neste estudo procedeu-se à avaliação da natureza e frequência com que o bullying é praticado e os diferentes atores envolvidos. Procedeu-se a um estudo quantitativo através de um questionário com perguntas fechadas dividido em cinco blocos que pretendiam aferir se existiam vítimas, agressores, tipo de violência, frequência e local onde esta foi praticada, apoio dos professores, amigos das vítimas e agressores.

Podemos então dizer que neste agrupamento de escolas existe um índice preocupante de vítimas e agressores. Sendo a violência um comportamento influenciado através de ações negativas, de atos violentos que são aprendidos através da observação e repetição de modelos, a escola deveria desenvolver e promover modelos pacíficos, com comportamentos cívicos e consolidados através de padrões socioculturais que valorizassem a paz, o respeito e a tolerância. O exemplo violento seja ele físico ou verbal e a ausência de diálogo, pode levar a criança à violência. Os agressores muitas vezes são-no em consequência da sua vida familiar. Desta forma acreditamos que os comportamentos violentos, também podem ser desaprendidos. Randall (1996)

Neste sentido, a escola apresenta-se como um campo de trabalho privilegiado para os programas de prevenção, onde as aprendizagens de respeito pelo outro, resolução pacífica de conflitos e a consciencialização sobre a igualdade de género podem ser não só aprendidas, mas também experimentadas e solidificadas. O uso do diálogo e o confronto de ideias, permitirão que os indivíduos possam escolher alternativas não violentas. A prevenção de comportamentos violentos começa quando nos dedicamos a encontrar e atacar as causas que motivam o seu desenvolvimento.

A violência influencia a vida das vítimas e agressores, no imediato e na sua vida futura. Como referencia Pereira (2000), uma pessoa que tem amor por si respeita-se como é, aceita-se como é, possibilita uma visão positiva de si e das suas capacidades, influenciando positivamente a sua autoconfiança. Peralva (2000) considera que a forma como nos vemos e como os outros nos veem interfere nas relações que temos com os outros e connosco.

Com este trabalho pretendemos saber se existem vítimas e agressores de bullying e concluímos que uma percentagem considerável de alunos do 1º ciclo deste agrupamento são vítimas de bullying. Este questionário foi aplicado aos alunos três semanas após a interrupção das atividades letivas da páscoa, e neste curto espaço de tempo existiram 34% de alunos que foram agredidos repetidamente. As agressões foram realizadas com maior incidência aos rapazes e por rapazes. O local onde estas situações mais aconteceram foi no recreio, mesmo assim é o sítio que os alunos mais gostam.

Uma grande percentagem de alunos dizem ter revelado o seu problema ao professor, no entanto uma percentagem maior diz não saber se o professor toma medidas com vista à solução do problema. Esta perceção dos alunos relativamente à escola é preocupante pois mesmo que exista uma atitude do professor ela não tem o efeito desejado. González-Pérez e Pozo (2007) revelam que a prevenção através da educação para uma cultura de paz e não-violência significa, antes de mais, mediar, criar pontes que tentem evitar o aparecimento de problemas e dificuldades, através da sua prévia identificação e da rápida intervenção, ensinando capacidades e competências aos alunos, no sentido de melhorar as suas relações interpessoais. Por sua vez Field (1996) aconselha algumas atitudes para fazer face ao bullying como: contar à família; contar ao professor e contar a colegas.

Seria fundamental que a escola delineasse formas de atuação de modo a minimizar o fenómeno bullying. Com a atual autonomia das escolas, através do Projeto Educativo e Regulamento Interno, a escola pode implementar formas de prevenção e de atuação em caso de bullying. A escola em estudo não tem definido nos seus documentos modos de resolução em caso de bullying. É importante mencionar que a problemática bullying só pode ser resolvido se as escolas assumirem que ele existe, este é sem dúvida um passo muito importante para pôr em prática uma política anti violência. A família e a escola devem ser incrementadores de valores como a tolerância e o respeito, de modo a construir uma sociedade mais cívica. É urgente formar professores, alunos e pais no combate ao bullying, para que estes entendam que o bullying não é uma brincadeira de crianças, mas sim algo que ofende, humilha e compromete a vida atual e futura daqueles que por ele passam.

Linhas Futuras de Investigação

A atualidade do tema e a sua implicação negativa na vida de muitas crianças tornaria pertinente a realização de um estudo que envolvesse os pais e encarregados de educação, técnicos e restante comunidade educativa, na implementação de medidas de prevenção e combate ao bullying.

Referências Bibliográficas

ABRANTES, H.M. (1998). *Satisfação com a imagem corporal, auto-estima e actividade física - Estudo comparativo em indivíduos de ambos os sexos*. Dissertação de Mestrado em Ciências do Desporto, na área de especialização de Desporto de Recreação e Lazer. Porto, F.C.D.E.F., Universidade do Porto.

BANDURA, A. (1987). *Teoria del aprendizaje Social*. Madrid: Prentice-Hall, Inc.

BLAYA, C. (2006). *Violência e Maus-Tratos em Meio Escolar*. Lisboa: Instituto Piaget.

ALMEIDA, A. E B. C. (2003). *A vitimização entre companheiros em contexto escolar*. In Machado, C, e Gonçalves, R. A. (Coord). *Violência e Vitimas de crimes* (pp.169-197) (vol.2) Coimbra, quarteto Editores.

AMADO, J. & FREIRE, I. (2002). *Indisciplina e Violência na Escola. Prevenir para Compreender*. 1ª Ed. Porto: Edições ASA.

ANDERSON, C. A. (2000). *Agression*. In E. F. Borgatta & R. J. Montgomery (Eds).

ANDRÉ, F.L. c. (2003). *Auto-estima. Amar a si mesmo para conviver melhor com os outros*. Rio de Janeiro. Record: Nova Era.

BEANE, Allan L. (2000). *A sala de aula sem bullying*. Porto Editora.

BOLGER, N. et al. (Org.). (1988). *Person in context: developmental processes*. New York: Cambridge University Press.

BRANDEN. (2000). *O poder da auto-estima*. Trad. Netto, M.S.M. São Paulo: Saraiva.

BRIZENDINE, L. (2007). *O cérebro feminino*. Lisboa: Alêtheia Editores.

CALHAU, L. B. (2009). *Bullying: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão*. Niterói, RJ: Impetus.

CHARLOT, B.(2002). *A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão*. Sociologias, (8), 432-443.

COLOROSO, B. (2004). *The Bully, the bullied and the bystander: from preschool to high school – how parents and teachers can help break the cycle of violence*. Ney York: HarperCollins Publishers.

CONSTANTINI. (2004). Alessandro. *Bullying: como combatê-lo?* São Paulo: Itália Nova,

COSTA, M.E.E V. D. (1998). *A violência nas escolas*. Linda – a – Velha, Ministério da Educação.

CUBERO, R., & MORENO M. C. (1992). *Relaciones sociales: familia, escuela, compañeros, años escolares*. In J. Palácios, A. Marclose, & C. Coll (Eds.), *Desarrollo psicológico y educación, I – Psicología evolutiva* (4.ª ed., pp. 285-296). Madrid: Alianza Editorial.

EIRAS, C. (2011). *Fenômeno Bullying no Contexto Escolar*. Psicologia PT.

FANTE, C. (2005). *Fenómeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. São Paulo: Versus editora.

FANTE, C. PEDRA, J. A. (2008). *Bullying escolar: perguntas e respostas*. Porto Alegre: Artemed.

FERNANDEZ, I. (1998). *Prevención de la Violência y Resolución de Conflictos. El Clima Escolar como Factor de Calidad*. Madrid: Narcea, S.A. Ediciones.

FERRREIRA, A., E PEREIRA, B. (2001). *Os materiais lúdicos nos recreios e a prevenção do bullying na escola*. In B. Pereira e A.P.Pinto (eds.), *A escola e a criança em risco: intervir para prevenir*. Porto, Asa.

FEKKLE, M. P, F., & VERLOOVE, V. S. (2005). *Bullying: who does what, when and where? Involvement of children, teachers and parents in bullying behaviour*. Health Education Research, 20 (1), 81-91.

FIELD (1996). *Bully in Sight – How to Predict, Resist, Challenge and Combat Workplace Bullying*. London Success unlimited.

FONSECA, A. S. A.; REBELO, J.; FERREIRA, J. & CARDOSO, F. (1995). *Comportamentos anti-sociais referidos pelos próprios alunos – novos dados para a população portuguesa do ensino básico*. Psychologica, 14, 39-57.

GOFFMAN, E. (1998). *Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

GONZÁLEZ, P. J. & POZO, M. J. C. (2007). *Educar para a não violência: perspectivas e estratégias de intervenção*. Mem Martins: K Editora.

GULBENKIAN, FOUNDATION (1995). *Children and Violence. In: Report of the Commission on Children and violence*. p. 31-209. London: Calouste Gulbenkian Foundation.

HAYDEN C. B. C. (2002). *Comportamentos violentos e agressivos nas escolas inglesas*. In DEBARBIEUX, E; BLAYA, C. *Violência nas escolas: dez abordagens européias*. Brasília: UNESCO.

HIGGINS, C. (1994). *How to improve the school ground environment as an antibullying strategy*. In: S. Sharp, P.K. Smith (eds.), *Tackling bullying in your school*. p.133-169. London and New York: Routledge.

JANUS, B. R. (1992). *Shattered assumptions: Toward a new psychology of trauma*. New York: Free Press.

LEGATO, M. (2009). *Porque morrem os homens primeiro?* Casal de Cambra: Caleidoscópio.

LEYMANN, H. & GUSTAFSSON, A. (1996). *Mobbing at Work and the Development of Post-Traumatic stress Disorders*. European Journal of Work and Organizational Psychology 5(2): 251-275.

MATOS, M., & CARVALHOSA, S. (2001). *Violência na escola: vítimas, provocadores e outros*. 2, 1. Faculdade de Motricidade Humana /PEPT –Saúde /GPT da C. M. Lisboa.

MARTÍNEZ, J. (2006). *Bullying: el maltrato entre iguales. Agresores, víctimas y testigos en la escuela*. Salamanca: Amarú Ediciones.

MARTINS, M. D. (2005). *Agressão e vitimização entre adolescentes, em contexto escolar: um estudo empírico*. Revista Análise Psicológica. Out. 2005, v.23, nº.4, p.401-425. ISSN 0870-8231.

METURANA, H. (1997). *A ontologia da Realidade*. Belo Horizonte: UFMG.

MENESINI, E., & MODIANO, R. (2003). *A multifaceted reality: A report from Italy*. Em P. Smith (Ed.), *Violence in Schools: The Response in Europe*. London: Routledge- Falmer.

MILLER, N. & DOLLARD, J. (1967). *Social Learning and imitation*. New Haven and London: Yale University Press.

MOLINA, A.L.(s.d.). *Grandeza e miséria da auto-estima na sociedade actual*. São Paulo: Saraiva.

MYNARD, H., & JOSRPH, S. (2000). *Development of the multidimensional peer-victimization scale*. *Aggressive Behavior*, 26 (2), 169-178.

NETO, C.; Barreiros, J.; BOM L. (1979). *Alguns critérios para construção de espaços de recreio e jogo para crianças*. *Ludens*, 9, 2, p. 45-51.

NETO, A. L. e SAAVEDRA, L. H. (2003). *Diga não para o bullying*. Rio de Janeiro: Abrapia.

NEUBERN, M.A. (s/d). *As emoções como um caminho para uma epistemologia complexa da psicologia*. Universidade de Brasília. Scielo.

O'MOORE, A. (1995). *"Bullying behaviour in children and adolescents in Irelands"*. *Children & Society*. National Children Bureau, vol. 9, nº 2, pp.55-72.

OLWEUS, D. (2004). *Conductas de Acoso y Ameaza entre Escolares*. Madrid:Ediciones Morata, S.L.

OLWEUS, D. (1993). *Bullying at school: What we know and what we can do*. London, Lackwell,

PELLEGRINI, A. B. M., & BROOKS, F. (1999). *School bullies, victims, and aggressive victims: Factores relating to group affiliation and victimization in early adolescence*. *Journal of Educational Psychology*, 91 (2), 216-224.

PERALVA, A.(2000). *Escola e violencia nas periferias urbanas francesas*. Rio de Janeiro: Contemporaneidade e Educação.

PEREIRA, B. (2000). *Para uma Escola sem Violência – Estudo e Prevenção das Práticas Agressivas entre Crianças*. Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

RAMIREZ, F.C. (2001). *Condutas agressivas na idade escolar*. Amadora, McGraw-Hill.

RAMALHO, M. (1997). *Análise multidimensional do recreio pré-escolar*. In C. Neto (1ª ed.), *Jogos & Desenvolvimento da Criança*, p. 258-267. Lisboa: Edições FMH – Universidade Técnica de Lisboa.

RANDALLI, P. (1996). *A Community Approach to Bullying*. Stoke-on-Trent: Trentham Books.

REY, F.G. (2003). *Sujeito e subjectividade*. São Paulo. Pioneira, Thomsn Learning.

ROBINSON, W. P. (1978). *Desinteresse escolar no ensino secundário. Análise Psicológica*, 2 (1), 23-32.

ROBINSON, W. P., & Tayler, C. A. (1986). *Auto-estima, desinteresse e insucesso escolar em alunos da Escola Secundária*. *Análise Psicológica*, 5 (1), 105 -113.

RODRIGUES, A.S.(1994). *Aqui não há violencia: a escola silenciada*. Rio de Janeiro: PUC.

RUBIA, F. (2007). *El sexo del cerebro*. Madrid: Ediciones Temas de Hoy.

SALMIVALLI, C.; LAGERSPETZ, K.; BJORKSQVIST, K.; OSTERMAN, K., & KAUKIAINEN, A. (1996). *Bullying as a group process. Participant roles and their relations to social status within the group*. *Aggressive Behavior*, 22, 1-15.

SANCHEZ, E. (2005). *Aproximación psicosocial al estudio de la violencia escolar*. In E. López Zafra, e M. P. Berrios Martos. *Violencia en las aulas*. (pp.29-56). Jaén, Ediciones del Lunar.

SANI, A. (2002). *As crianças e a violência*. Narrativas de crianças vítimas e testemunhas de crimes. Coimbra: Quarteto

SERRA, A.V. (1986). *A importância do autoconceito*. *Psiquiatria Clínica*, 7 (2), 57-66.

SILVA, G.J. (2008). *Bullying: Quando a Escola não é um Paraíso*. Brasil: Mundo jovem.

SILVA, A. B. B. (2010). *Cartilha: Bullying - justiça nas escolas*. 1ª ed. Brasília.

SMITH, P. (2006). *Factores de riesgo familiares*. Em A. Serrano (Ed.), *Acoso y violencia en la escuela. Cómo detectar, prevenir y resolver el bullying*. Barcelona: Editorial Ariel.

ANEXOS

Questionário distribuído aos alunos



Escola Superior de Educação João de Deus

Este questionário realiza-se no âmbito do Mestrado em Educação Especial - Domínio Cognitivo e Motor, tendo como tema:

VIOLENCIA ENTRE COLEGAS (BULLYING) EM CONTEXTO ESCOLAR

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS (adaptado de Dan Olweus 1989, Beatriz Oliveira Pereira, 1998).

As atitudes e os comportamentos que alguns meninos e meninas têm na escola, nem sempre são as mais adequadas, por vezes batem nos outros, chamam nomes, estragam o material, etc. Estes alunos causam sofrimento nos colegas e perturbam o normal funcionamento das aulas.

Este questionário pretende saber que tipo de comportamento existe na tua escola. Responde a verdade e sem medo, pois ninguém saberá que és tu que respondes. O teu nome não aparecerá em nenhuma parte do questionário.

Ao longo do questionário existem respostas em que apenas podes fazer uma escolha, (uma resposta) e outras em que podes escolher uma resposta ou mais (uma ou mais respostas).

As tuas escolhas devem ser assinaladas com um X na resposta ou respostas escolhidas.

Bloco I

Assinala com um X a resposta que te corresponde.

1-Ano de escolaridade

3º

4º

2-Sou menino

Sou menina

3-Quantos anos tens? _____

Bater, empurrar, dar puxões, dizer mal, meter medo, não deixar brincar, estragar o material, chamar nomes.

1- Desde que este período começou quantas vezes te fizeram uma das situações indicadas anteriormente.(uma resposta)

- A Nunca
- B 1 ou 2 vezes
- C 3 ou 4 vezes
- D 5 ou mais vezes

2- Quais das seguintes situações já te aconteceram? (uma ou mais respostas)

- A Ninguém se meteu comigo
- B Bateram-me
- C Tiraram-me coisas
- D Meteram-me medo
- E Chamaram-me nomes
- F Falaram mal de mim
- G Não me falam
- H Não brincaram comigo

3- Em que sítios aconteceram essas situações? (uma ou mais respostas)

- A Em lado nenhum
- B Nos corredores
- C Na sala
- D Na cantina
- E No recreio
- F Noutro sítio

4-Quem se mete contigo? (uma resposta)

- A Ninguém se mete comigo
- B Um rapaz
- C Um grupo de rapazes
- D Uma rapariga
- E Um grupo de raparigas
- F Rapazes e raparigas

5- Disseste ao professor que os meninos se metiam contigo? (uma resposta)

- A Ninguém se meteu comigo
- B Não disse
- C Sim disse

6- Quantas vezes os professores tentaram parar esses meninos? (uma resposta)

- A Não sei
- B Quase nunca
- C Às vezes
- D Muitas vezes

7- Disseste ao pai e à mãe? (uma resposta)

- A Ninguém se meteu comigo
- B Não
- C Sim disse

Quantas vezes foste tu a bater, empurrar, dar puxões, dizer mal, meter medo, não deixar brincar, estragar o material, chamar nomes, etc (escreve a verdade, pois ninguém saberá o que escreveste)

1- Neste período quantas vezes tu te meteste com outros meninos? (uma resposta)

- A Nunca
- B 1 ou duas vezes
- C 3 ou 4 vezes
- D 5 ou mais vezes

2-Neste período, quantas vezes tu te juntaste a outros para te meteres com um colega?(uma resposta)

- A Nunca
- B 1 vez
- C 2 vezes
- D 3 ou mais vezes

Recreio

1- Gostas dos recreios? (uma resposta)

- A Não gosto
- B Gosto

2- O que pensas do recreio? (uma ou mais respostas)

- A Não tenho amigos para brincar
- B Andam atrás de mim para se meterem comigo
- C Não posso brincar ao que gosto
- D Os outros só gostam de brincar às lutas
- E Brinco com amigos

Amigos

1- Escreve o número de amigos que tens? (uma resposta)

- A Não tenho amigos
- B 1 amigo
- C 2 ou 3 amigos
- D 4 ou mais

2- Quantas vezes te aconteceu ficares só, porque os outros não queriam brincar contigo? (uma resposta)

- A Nunca fiquei só
- B 1 ou 2 vezes este período
- C 1 vez esta semana
- D Duas ou mais vezes esta semana